



UNIVERSIDADE EVANGÉLICA DE GOIÁS -UNIEVANGÉLICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE, TECNOLOGIA E
MEIO AMBIENTE

CELINA ROSA DE SOUZA

A SECA NO NORDESTE DO BRASIL: UMA ANÁLISE ECOCRÍTICA DA OBRA “O
QUINZE” DE RACHEL DE QUEIROZ

Anápolis
2024

CELINA ROSA DE SOUZA

A SECA NO NORDESTE DO BRASIL: UMA ANÁLISE ECOCRÍTICA DA OBRA “O
QUINZE” DE RACHEL DE QUEIROZ

Dissertação de mestrado apresentada
no curso de Pós-Graduação em
Sociedade, Tecnologia e Meio
Ambiente, como requisito para a
obtenção do grau de mestra.

Orientador: Dr. André Vasques Vital

Anápolis
2024

S729

Souza, Celina Rosa de.

A seca no nordeste do Brasil: uma análise ecocrítica da obra “O Quinze”
de Rachel de Queiroz / Celina Rosa de Souza -
Anápolis: Universidade Evangélica de Goiás - UniEvangélica, 2024.

67 p.; il.

Orientadora: Prof. Dr. André Vasques Vital.

Dissertação (mestrado) – Programa de pós-graduação em Sociedade,
Tecnologia e Meio Ambiente – Universidade Evangélica de Goiás -
UniEvangélica, 2024.

1. Agenciamento 2. Coisa-poder 3. Seca 4. Ecocrítica 5. O Quinze
I. Vital, André Vasques II. Título

CDU 504

Catálogo na Fonte

Elaborado por Rosilene Monteiro da Silva CRB1/3038



Programa de Pós-Graduação em
Sociedade, Tecnologia e
Meio Ambiente

FOLHA DE APROVAÇÃO

A SECA NO NORDESTE DO BRASIL: UMA ANÁLISE ECOCRÍTICA DA OBRA "O QUINZE" DE RACHEL DE QUEIROZ

Celina Rosa de Souza

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-graduação
em Sociedade, Tecnologia e
Meio Ambiente/ PPG STMA da
Universidade Evangélica de
Goiás/ UniEVANGÉLICA como
requisito parcial à obtenção do
grau de **MESTRE**.

Aprovado em 27 de junho de 2024.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento e Territorialidade

Documento assinado digitalmente
 ANDRÉ VASQUES VITAL
Data: 01/07/2024 08:18:17-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. André Vasques Vital
Presidente/Orientador (UniEVANGÉLICA)

Documento assinado digitalmente
 ANDRÉ EGÍDIO PIN
Data: 01/07/2024 08:30:57-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. André Egidio Pin
Examinador Interno (UniEVANGÉLICA)

Documento assinado digitalmente
 MARIZA PINHEIRO BEZERRA
Data: 01/07/2024 12:08:20-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profª. Dra. Mariza Pinheiro Bezerra
Examinador Externo (MAST)

AGRADECIMENTOS

Essa dissertação só foi possível graças primeiramente à Deus e vários outros que contribuíram diretamente e indiretamente com oração e incentivos para que não desistissem mediante à todos os obstáculos encontrados durante o período de curso.

Agradeço ao meu estimado orientador André Vasques Vital. Que nesses dois anos com sua sabedoria, debates, críticas, elogios e acima de tudo sua positividade e confiança que me foram concebidos para a escrita desse trabalho. Obrigada por ter sido tão profissional, generoso e paciente durante esse período de orientação.

Quero registrar meu muito obrigada a coordenadora do Programa Pós-graduação em Tecnologia e Meio Ambiente e os demais professores por terem modificado e flexibilizado os horários de aulas para que eu pudesse concluir as disciplinas.

Agradeço também aos meus colegas de trabalho Roberto Carlos Rosa, Luciana Carneiro Morgado e Andrelina Morgado, por me encorajar a realização da inscrição e a permanência no programa mediante a tantos obstáculos encontrados.

Por fim, agradeço a minha família por abrir mão de vários finais de semanas e datas comemorativas a fim de que eu pudesse me dedicar à escrita dessa dissertação.

“O mundo não foi feito em alfabeto. Senão que primeiro em água e luz. Depois árvore.”

Manoel de Barros

RESUMO

A obra literária "*O Quinze*" de Rachel de Queiroz, foi escrita pela autora aos 19 anos e publicado em 1930, retratando a grande seca de 1915 que assolou o Nordeste brasileiro. O presente trabalho analisou o contexto histórico e as mudanças sociais apresentadas na obra "*O Quinze*" de Rachel de Queiroz, a partir dos pressupostos teóricos da Ecocrítica e do Materialismo Vibrante de Jane Bennett, entendendo a seca como coisa-poder que influenciou os debates intelectuais, práticas e significados dentro da narrativa. Para tanto, buscou-se compreender como natureza e cultura historicamente se comunicam no cenário brasileiro, principalmente relacionada a produção literária que sempre se preocupou com a questão da natureza e a sua magnitude, influenciando diretamente perspectivas históricas e até mesmo projetos de sociedade que foram debatidos e implementados no país. Outrossim, aplicou-se a teoria da Ecocrítica e do Materialismo Vibrante, para entender como o actante seca influenciou direta e indiretamente o contexto histórico da seca de 1915 no sertão cearense. A coisa-poder seca, como narradora dentro do enredo da obra fica evidenciada, é ela que mobiliza e articula novas práticas sociais, econômicas e valores, denuncia a postura dos dirigentes políticos locais e aprofunda as desigualdades sociais. Não obstante, três eixos centrais chamaram atenção na análise das consequências trazidas pela coisa-poder seca, são eles: a) classe social, investigando como a seca afeta individualmente cada pessoa com base em sua classe social; b) gênero, examinando como o elemento ativo influência de maneiras distintas os destinos dos sujeitos conforme seu gênero; c) valores morais, ao longo da trama, a seca vai remodelando novos valores e desafiando essas subjetividades, conferindo-lhes novas perspectivas.

Palavras-chave: Agenciamento; Coisa-Poder; Seca; Ecocrítica; O Quinze

ABSTRACT

The literary work "O Quinze" by Rachel de Queiroz, was written by the author at the age of 19 and published in 1930, portraying the great drought of 1915 that devastated the Brazilian Northeast. This work analyzed the historical context and social changes presented in the work "The Quinze" by Rachel de Queiroz, based on the theoretical assumptions of Ecocriticism and Vibrant Materialism by Jane Bennett, understanding drought as a power-thing that influenced intellectual debates, practices and meanings within the narrative. To this end, we sought to understand how nature and culture historically communicate in the Brazilian scenario, mainly related to literary production, which has always been concerned with the issue of nature and its magnitude, directly influencing historical perspectives and even societal projects that were debated. and implemented in the country. Furthermore, the theory of Ecocriticism and Vibrant Materialism was applied to understand how the dry actant directly and indirectly influenced the historical context of the 1915 drought in the backlands of Ceará. The dry thing-power, as narrator within the plot of the work, is evident; it is what mobilizes and articulates new social, economic practices and values, denounces the stance of local political leaders and deepens social inequalities. However, three central axes drew attention in the analysis of the consequences brought by the drought, they are: a) social class, investigating how the drought individually affects each person based on their social class; b) gender, examining how the active element influences the destinies of subjects in different ways according to their gender; c) moral values, throughout the plot, the drought remodels new values and challenges these subjectivities, giving them new perspectives.

Keyword: Agency, Thing-Power, Dry, Ecocriticism; O Quinze.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1: A LITERATURA DE RACHEL DE QUEIROZ E O SEU CONTEXTO HISTÓRICO.....	21
1.1 INTRODUÇÃO.....	21
1.2 - O devir para um novo momento: as tensões sociais do final do século XIX construindo as condições para as novas tramas.....	21
1.3 - A seca no sertão cearense: debates mobilizados e realidades idealizadas	28
1.4 - “ <i>O Quinze</i> ” de Rachel de Queiroz: a arte imita a vida ou a vida imita a arte?.....	32
1.5 - A literatura racheriana e a literatura regionalista da década de 30.....	35
CAPÍTULO 2: A SECA COMO COISA-PODER EM “ <i>O QUINZE</i> ” DE RACHEL DE QUEIROZ.....	41
2.1 INTRODUÇÃO.....	41
2.2 - A seca como coisa-poder	44
2.3 - A força da seca em “ <i>O Quinze</i> ”, de Rachel de Queiroz	47
CAPÍTULO 3: A SUBJETIVIDADE DAS ESCOLHAS IMPOSTA PELA COISA-PODER SECA.....	52
3.1 INTRODUÇÃO.....	52
3.2 – Classe social no sertão cearense diante da seca.....	52
3.3 - Gênero e raça, numa leitura interseccional, diante da seca.....	55
3.4 - Subjetividades desidratadas: a seca e o seu poder de produzir outros sujeitos	59
3.5 CONCLUSÃO.....	63
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	66

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo investigar a agência da seca, enquanto coisa-poder, na obra “*O Quinze*”, de Rachel de Queiroz, que teve sua primeira edição publicada em 1930, compreendendo a seca enquanto “matéria vibrante”, condicionadora de novas práticas, sentimentos e ações dentro do romance. O termo é definido por Jane Bennett (2010), como coisas dotadas de vitalidade, capazes de influenciar vários aspectos da vida cotidiana e provocar uma variedade de efeitos.

Este estudo procura entender o papel dos não-humanos nos debates políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais ao longo da história do Brasil, e na formulação de políticas de desenvolvimento. Nesse sentido, os autores Diogo de Carvalho Cabral, André Vasques Vital e Gabriel Lopes, pesquisadores do Departamento de História, Escola de Histórias e Humanidades, Trinity College Dublin da Irlanda, no artigo: *Tales from the dirt: Post-anthropocentric perspectives on Brazil's past*, oferecem uma abordagem pós-antropocêntrica à história ambiental do Brasil. O estudo de Cabral, Lopes e Vital (2022), mostra os não-humanos como um elemento fundante. No estudo os autores concluem a partir de uma abordagem histórica a capacidade de narrar e explicar o Brasil como uma comunidade política mais que humana” (CABRAL; LOPES; VITAL, 2022).

Para tanto, investiga-se essa intertextualidade entre dois pressupostos teóricos: a Ecocrítica e o Materialismo Vital, para compreensão dos conceitos centrais que dão vazão às leituras aqui apresentadas. Outrossim, ao analisar a obra de Queiroz em questão, buscamos verificar a agência da seca a partir das diferenças sociais apresentadas nela, mas especificamente as de classe social e as de gênero.

Partindo do entendimento que a relação entre natureza e cultura sempre foi íntima em nosso país, despertando diversos sentimentos entre os intelectuais brasileiros, especialmente à luz das teorias positivistas e do cientificismo embasado nas teorias evolucionistas sociais (LACERDA, 2009). Articulada à perspectiva da raça, a natureza foi frequentemente vista como um fenômeno a ser vencido, um sertão a ser subjogado pelos homens que se viam pequenos diante dela (OLIVEIRA, 2022). Nesse sentido, é perceptível a relação entre natureza e passado, povo não brancos e natureza/passado, e brancos com modernidade. Narrativas como essa, tendem a negar a contemporaneidade para todas populações ou indivíduos que não se encaixem um determinado padrão de denominação hegemônica, como a “branquitude”. (SCHUCMAN, 2014).

É compreendendo essa complexa teia de articulação da natureza na sociedade brasileira, que a Ecocrítica surge como uma forma de analisá-la (GARRARD, 2004; BRUGIONI & MELO, 2022). Na obra de Queiroz, por exemplo, a seca emerge como elemento central, atuando como um evento que influencia, conecta e transforma as pessoas no sertão brasileiro. A agência da seca como coisa-poder torna-se evidente ao acompanhar a jornada de Chico Bento e sua família rumo à capital, Fortaleza, em busca de escape das consequências da seca. Ao mesmo tempo, é possível observar os diversos sentimentos da elite oligárquica, que vão desde a suposta benevolência cristã em relação aos famintos até o desprezo por suas próprias práticas corrompidas pela iminência da fome.

"*O Quinze*" de Rachel de Queiroz, foi escrito pela autora aos 19 anos e publicado em 1930, retratando a grande seca de 1915 que assolou o Nordeste brasileiro. O romance apresenta características do regionalismo e faz parte do movimento modernista dos anos 1930, conhecido por uma literatura mais engajada e com fortes críticas sociais relacionadas a esse grande impacto desastroso. Nessa época, a literatura debatia e refletia sobre questões como a seca, a miséria, as opressões da oligarquia e retratava o sofrimento dos mais pobres (PEREIRA, 2019; ALBUQUERQUE JUNIOR, 2017; OLIVEIRA, 2022; SCOVILLE, 2011; XAVIER et al. 2023). O romance de 26 capítulos narra a história de Chico Bento e sua família, que fogem da seca no interior do Ceará em direção à capital, Fortaleza, e aos campos de concentração para retirantes. A obra é narrada em terceira pessoa, e a seca desempenha um papel central.

A partir disso, compreende-se que ela é uma força que mobiliza e articula sentimentos, práticas e tomadas de decisão. Essa leitura é guiada pela perspectiva do novo materialismo, que rompe com a ideia de passividade ou mecanicismo dos objetos ou fenômenos. Seguindo os pressupostos de Jane Bennett (2010), entende-se que a seca não é simplesmente uma força externa que influencia esses aspectos, mas possui uma vitalidade intrínseca. Ela é um agente dentro do romance, uma entidade ativa, um actante, conforme o novo paradigma analítico associado aos materialismos modernos.

Compreendendo a seca como um fenômeno ativo que interage com diversos outros elementos, como a fome, podemos perceber seu poder dinâmico, que não atua de maneira passiva ou mecânica, mas sim gera conflitos e tensões dentro do romance. Segundo Bennett (2015), baseando-se nos princípios teóricos de Spinoza, esses fenômenos possuem uma capacidade agente de influenciar outros corpos e também serem afetados por eles. Nesse sentido, outras contribuições teóricas do materialismo vibrante,

como os elementos naturais - água, fogo, terra, ar -, podem ser essenciais para nossa análise.

A seca como agente é discutida por Taddei (2014), que analisa as representações materializadas sobre a seca no contexto sociopolítica e ambiental, tendo a seca um papel de desastre que denota a ausência desse elemento para os agentes envolvidos e a necessidade de colocá-la como elemento não-humano mais capaz de influenciar no processo político e econômico.

No estudo de Mota (2018), a água é analisada como uma figuração no espaço enquanto elemento estruturador de narrativas de novela de ficção. Uma análise do ambiente ocupado por humanos e não-humanos, tendo a ecocrítica como norteadora da discussão.

Os sentimentos em relação à seca no Brasil Central são verificados por Vital & Dutra e Silva (2022) ao analisarem a seca no Cerrado a partir das obras de Hugo de Carvalho Ramos, especificamente os contos “*Dias de Chuva*” e “*Gente da Gleba*”. Os dois contos descrevem a sazonalidade climática, os medos em relação ao fogo no período de seca e o anseio pela estação chuvosa. Nessa perspectiva, a seca como agente actante é analisada nesta dissertação como elemento modificador das relações sociais, políticas e econômicas, a partir da obra de Rachel de Queiroz “*O Quinze*”.

Dessa maneira, Bennett (2013) argumenta a necessidade de conceder autonomia aos elementos, fenômenos e coisas com poder, promovendo uma democratização em que não sejam excluídos, sendo importante considerar o poder agencial desses elementos dentro das interações sociais, repensando questões relacionadas à sociedade, política, literatura e ambientalismo a partir dessa perspectiva paradigmática.

Neste contexto, buscamos compreender as implicações e a agência da escassez de água destacada no tema em análise. Essas considerações são essenciais, uma vez que, apesar de o elemento água - seja em sua abundância ou escassez - ter sido central nos debates ambientais do último século e ainda ser uma questão premente nos dias de hoje.

Astrida Neimanis (2012) argumenta que frequentemente a água é discutida e compreendida em termos de passividade diante da ação humana, sugerindo uma abordagem diferente, convidando-nos a considerar a reflexão de como a água enquanto actante pode desafiar as dicotomias que limitam nossas relações e interpretações. Isso se revela uma proposta muito pertinente para a análise em questão. Além disso, ao explorar as interconexões entre a água, os seres humanos e os não humanos, Neimanis (2012), destaca a complexidade e a não uniformidade dessas relações.

Dessa maneira Neimanis (2012), propõe uma abordagem hidrológica, que considera os movimentos e modos de existência da água como fundamentais para entender a vitalidade das corporalidades e como elas afetam e são afetadas por outras formas de vida. Esta mesma autora ainda considera que a hidrológica é o cerne de toda existência, afetando a todos através de seus diversos movimentos - sejam eles de abundância, escassez, chuva, granizo, neve, evaporação e outros.

Bennett (2013) sinaliza para um novo eco materialismo, um paradigma para pensar a experiência com uma diversidade de atores não-humanos, por exemplo, a água, que permeiam nossa existência. O pensamento ocidental moderno construiu bases epistemológicas, filosóficas e sociais que colocou o homem, principalmente o branco e europeu, acima da natureza. Bases essas que solidificaram o projeto de colonização dos europeus nas Índias, Américas e na África (LANDER, 2015). As consequências são amplamente conhecidas, incluindo o extermínio de sociedades inteiras, como ocorreu com os povos indígenas no Brasil, e crimes contra a humanidade, tráfico de negros africanos para outras nações para servirem como mão-de-obra escrava (SCHUCMAN, 2014; SIERING, 2008). Mas não obstante as suas consequências para a natureza, que reverberam hoje na humanidade como uma catástrofe climática e dão força aos questionamentos sobre essa superioridade do homem sob a natureza, especificamente buscando refletir sobre as definições do que é o humano e não humano, de como natureza e cultura se correlacionam dicotomicamente (BREDAN *et al.*, 2021).

As questões acima apresentadas, dialogam diretamente com as perspectivas teóricas da Ecocrítica. Como posto por Garrard (2004), esse novo paradigma requer olhar para o debate das questões ecológicas e ambientais por um viés relacional entre natureza e cultura, que se dão para além dos seres humanos, propondo ainda, uma crítica para o conceito de humanos. Definindo-a como metodologia de análise que se debruça sobre os fenômenos e suas implicações nas relações humanas.

A Ecocrítica desloca as perspectivas que se centralizam na agência humana, desestrutura a perspectiva da passividade dos fenômenos e objetos não-humanos (GARRARD, 2004). Essa ruptura com as leituras totalizantes que alocam a natureza dentro de uma perspectiva em que ela pode ser dominada e subjugada pelos homens. Portanto, sinaliza para a capacidade da natureza reverberar diretamente na cultura humana, ao partirmos destes pressupostos damos outros encaminhamentos epistemológicos e políticos para a leitura em voga, já que não mais se debruça as tensões e crises climáticas, a fim de, balizar um debate idealizado da natureza, propondo sua preservação, a fim de que, continue servindo ao homem e a sua existência.

Brugioni e Melo (2022) consideram a Ecocrítica como um desdobramento literário, principalmente dentro da literatura comparada e pós-colonial, pressupondo um pensamento de interação e convergência entre humanos e não-humanos, em suas diversas categorias. Sinaliza ainda que a Ecocrítica tem dado “possibilidades de se (re)definir a literatura – suas estéticas, formas e gêneros, bem como seus paradigmas críticos e conceituais – a partir de uma perspectiva eco ambientalista” (BRUGIONI; MELO, 2022, p. 254). Define ainda que a Ecocrítica é uma reorientação, uma lente, teórico e metodológica que centraliza cultura e natureza, literatura e sociedade e por isso pensada dentro de um materialismo vital, que horizontaliza as relações, de um com o outro.

Neto (2020) assevera que a Ecocrítica torna a literatura como ponto de partida analítico, considerando uma postura ética e disciplinar, para analisar as questões que envolvem à desarmonia ambiental, principalmente uma perspectiva crítica e política, relacionando-as dentro dos modelos econômicos. Ademais, segundo o pesquisador a Ecocrítica se destaca justamente por ser uma teoria que mobiliza os conceitos de forma interdisciplinar, já que suas leituras se encontram termos e conceitos vindos de diversas áreas do conhecimento, Isso permite "questionar as hierarquias ontológicas tradicionais e explicitar a convicção de que não há diferenças qualitativas entre as manifestações do humano e da natureza". (NETO, 2020, p. 253).

Brugioni e Melo (2022) observaram que há uma escassez de estudos no Brasil que adotem a Ecocrítica como abordagem metodológica. É possível verificar essa constatação ao se analisar trabalhos que aplicaram essa metodologia à obra de Rachel de Queiroz, embora haja um número significativo de estudos que abordam a questão da seca ou da fome, consideradas como elementos actantes. Como exemplos pode-se citar o estudo de Castro (1984), que em seu livro “Geopolítica da Fome”, explora questões geopolíticas, econômicas e sociais relacionadas à alimentação e à distribuição de recursos, e também trabalhos mais atuais, como o de Oliveira (2022), que analisa a obra “*O Quinze*” de Rachel de Queiroz e “*Os Retirantes*” de José do Patrocínio, as obras descrevem cada indivíduo de maneira única, que expressa imagens, figuras e histórias sobre a seca que afetou os habitantes do Ceará em distintos períodos da história.

Neto (2022) contribui para o debate quando aponta para a necessidade de maior aplicação desse pressuposto teórico no país e na América do Sul, que extrapole os limites das leituras euro centradas ou a partir da perspectiva do norte. Principalmente nos países subdesenvolvidos e periféricos onde a ligação com o meio ambiente se dá em um contexto em que vários fatores estão correlacionados, como o racismo ambiental e os contextos coloniais. E isso se evidencia no decorrer de nossa análise, já que constatamos que apesar

do poder actante atingir a todos na obra, ele atinge de forma diferente a depender da classe social, do gênero e da raça dos personagens.

Estudos como de Oliveira (2022), analisam a obra de Rachel de Queiroz e a abordam pela leitura crítica feminista, quiçá, porque Rachel de Queiroz tenha sido um marco na literatura brasileira de autoria feminina. De acordo Lima (2019), foi a primeira mulher a entrar para a Academia Brasileira de Letras (ABL) em 1977, surgiu no movimento modernista, mais especificamente junto aos regionalistas, que causou alvoroço no mundo literário dominado por homens, que não consideravam que uma mulher pudesse escrever sobre uma temática séria, como a seca e os retirantes.

Outrossim, este trabalho foi estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo desta dissertação aprofundamo-nos na intricada teia histórica que precede e influencia os eventos narrados na obra de Rachel de Queiroz. Torna-se essencial compreender o cenário de transformações sociais que delinearão a sociedade brasileira entre o final do século XIX e o início do século XX, lançando luz sobre os desdobramentos que culminaram na seca e na desertificação. Essa compreensão estende-se não apenas ao ambiente físico, mas também aos campos intelectuais, artísticos e aos movimentos sociais da época (OLIVEIRA, 2022).

Essas mudanças foram acompanhadas por uma crescente urbanização e por um processo de modernização que, embora tenha impactado positivamente certos setores da sociedade, também deixou marcas profundas de desigualdade, deslocamento e marginalização social (BAUMAN, 1999). As disparidades entre o campo e a cidade se tornaram mais evidentes, ampliando as lacunas entre as classes sociais e exacerbando as condições precárias de vida de muitos brasileiros, especialmente aqueles que viviam nas regiões mais áridas e suscetíveis aos efeitos da seca (RAMOS, 2013). Nesse contexto de transformações e desafios sociais, os fenômenos naturais, como a seca e a desertificação, ganharam destaque como problemas urgentes a serem enfrentados. Essas condições climáticas extremas não apenas afetaram a agricultura e a subsistência das populações rurais, mas também desencadearam movimentos de resistência, produções artísticas e intelectuais que buscavam compreender, retratar e propor soluções para os impactos devastadores desses eventos na vida dos brasileiros (CUNHA, 1984).

Assim, ao explorarmos as mudanças sociais desse período, podemos vislumbrar não apenas os fatores que culminaram na manifestação da seca e da desertificação, mas também as consequências desses fenômenos na dinâmica social, cultural e política do Brasil, tornando-os pontos cruciais para a compreensão mais profunda da obra “*O Quinze*”, de Rachel de Queiroz.

No segundo capítulo desta pesquisa, adentra-se nas profundezas conceituais por meio da perspectiva teórica da filósofa Jane Bennett (2010) e sua contribuição significativa à teoria da "coisa-poder". Essa abordagem oferece uma nova lente para compreender a seca não apenas como um evento climático, mas como um agente ativo e transformador que vai além da dicotomia entre o humano e a natureza.

Ao aplicar essa teoria à análise da obra de Rachel de Queiroz, explora-se minuciosamente como a seca transcende sua natureza física, influenciando as motivações, emoções e atitudes dos personagens ao longo da narrativa. Aprofundando as análises conceituais, destacando a perspectiva teórica de Jane Bennett e sua notável contribuição à teoria da "coisa-poder". Essa abordagem proporciona uma nova perspectiva para compreender a seca não apenas como um evento climático, mas como um agente ativo e transformador que transcende a dicotomia entre o humano e a natureza.

A complexidade dessa visão desafia a percepção convencional em relação à influência dos elementos não humanos e seus efeitos abrangentes em todas as esferas da vida. Muitas vezes, essas esferas são consideradas exclusivamente sociais ou resultado de ações conscientes, abrangendo desde a esfera política até a literária, e mesmo no âmbito do movimento ambientalista (BENNETT, 2013). A compreensão mais profunda das dinâmicas entre humanos e não-humanos, evidenciada pela teoria da "coisa-poder", destaca a necessidade de repensar fronteiras tradicionais e reconhecer a intrínseca interconexão entre todos os elementos que moldam nossas experiências e percepções.

Através da metodologia Ecocrítica, desvenda-se a interação entre a seca e os seres humanos, bem como outros elementos do ambiente. Não se limita a análise apenas ao impacto direto da seca na subsistência e nas condições de vida dos personagens, mas busca-se compreender sua influência nas dinâmicas sociais, psicológicas e simbólicas presentes na obra.

A seca, conforme delineada por Pereira (2019), assume um papel ativo, atuando como um agente com força ativa que vai além da passividade atribuída a fenômenos naturais. Essa perspectiva nos permite enxergar a seca não como uma mera condição climática, mas como uma força capaz de induzir mudanças profundas na narrativa e nas trajetórias dos personagens. O mesmo é analisado por Vital & Dutra e Silva (2022), no estudo a seca não apenas molda o ambiente físico, mas também incita transformações emocionais, psicológicas e sociais, criando novas realidades e interações entre os seres humanos e o ambiente ao seu redor.

Ao examinar os efeitos da seca sob a ótica da "coisa-poder" de Bennett, destaca-se como esse fenômeno age como um ator que impacta ativamente com os personagens,

influenciando suas escolhas, comportamentos e até mesmo suas percepções de mundo. Essa análise nos permite compreender a seca não como um mero pano de fundo, mas como um elemento dinâmico que desempenha um papel crucial na tessitura das relações entre humanos e não-humanos na obra "*O Quinze*" de Rachel de Queiroz.

O terceiro capítulo desta dissertação direciona-se à análise de três elementos fundamentais na obra de Rachel de Queiroz: classe social, gênero e valores éticos dos personagens, sob a influência da seca. Aqui, empreende-se um exame profundo de como esses fatores se entrelaçam e são catalisados pela presença marcante da seca como uma força motriz na narrativa.

Com uma abordagem analítica, buscou-se na interseccionalidade compreender como as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, habilidade, etnia e idade - entre outras - estão interconectadas e se influenciam mutuamente. Para Kyrillos (2020, p.1), a interseccionalidade é um conceito que tem ganhado cada vez mais espaço nos debates e nas pesquisas acadêmicas no Brasil. Nomeada em 1989 por Kimberlé Crenshaw, jurista estadunidense, que posteriormente, desenvolveu elaborações teóricas sobre esse conceito.

Akotirene (2018), complementa explorando esse conceito como uma ferramenta para compreender as experiências e interligações complexas enfrentadas por uma pessoa. Da mesma maneira, a interseccionalidade, de acordo com Collins e Bilge (2020), examina como as diferentes formas de poder se entrelaçam para influenciar as relações sociais em sociedades caracterizadas pela diversidade. Além disso, analisa como essas dinâmicas afetam as experiências individuais no cotidiano.

Destarte, é pertinente destacar que a interseccionalidade entre classe social, gênero e ética manifesta-se de maneira proeminente, pois são elementos fundamentais para compreender como a seca, enquanto força motriz, determina destinos e constrói narrativas que refletem a dolorosa jornada dos retirantes, exemplificada na experiência de Chico Bento e sua família, em busca de sobrevivência e esperança. Tais elementos são habilmente abordados na obra de Rachel de Queiroz.

Esses elementos não são apenas características individuais, mas camadas que se entrelaçam e se reforçam mutuamente, delineando os destinos e as trajetórias dos personagens no contexto da seca e da desertificação. A seca, como uma força ativa, desempenha um papel central na transformação e representação das relações de classe nesta narrativa. Ela expõe agudamente as disparidades socioeconômicas, ampliando as diferenças entre aqueles que detêm o poder e recursos e aqueles que se encontram à margem, vulneráveis e desprovidos de meios para enfrentar a adversidade climática. A

trajetória dos personagens, suas decisões e resiliência refletem as complexas dinâmicas de classe, evidenciando como a seca afeta de forma desproporcional diferentes estratos sociais.

Além disso, a influência da seca na ótica de gênero é igualmente marcante, revelando a sobrecarga enfrentada pelas mulheres. Elas carregam muitas vezes um fardo adicional diante das condições adversas impostas pela seca. As representações de feminilidade, maternidade e força das mulheres na obra de Queiroz são moldadas pelas circunstâncias extremas impostas pela seca, destacando as lutas específicas que as mulheres enfrentam e sua resiliência diante desses desafios.

Os valores éticos dos personagens emergem como um ponto crucial diante das adversidades provocadas pela seca. A moralidade, solidariedade, busca pela sobrevivência e esperança são elementos éticos testados e ressignificados diante do contexto desafiador da seca. A seca não apenas desencadeia crises materiais, mas também questionamentos morais, instigando reflexões profundas sobre o que é certo ou errado, sobre os limites da ética em tempos de crise.

A análise desses elementos em conjunto sob a égide da seca como uma coisa-poder, revelamos as múltiplas camadas de significado e interação entre classe social, gênero e valores éticos na obra de Rachel de Queiroz. Esse exame minucioso nos permite compreender não apenas as dinâmicas individuais dos personagens, mas também a tessitura mais ampla das relações sociais e das forças motrizes que impulsionam a dolorosa jornada dos retirantes, oferecendo um panorama mais abrangente e profundo sobre os impactos da seca na vida desses personagens emblemáticos.

Dessa forma, esta pesquisa não se restringe apenas a desvendar as camadas mais profundas e entrelaçadas presentes na obra "*O Quinze*". Ela visa, primordialmente, lançar uma luz abrangente e minuciosa sobre as relações intrincadas e multifacetadas entre eventos históricos, as forças da natureza, as estruturas sociais e as complexidades da condição humana.

Explorando os meandros da narrativa de Rachel de Queiroz, não apenas decifrando os elementos superficiais de uma trama literária, mas mergulhando no âmago de uma tessitura intrincada e profundamente conectada com a história do Brasil. A obra de Queiroz transcende a mera representação de personagens e eventos; ela se apresenta como um espelho vívido e comovente de uma era marcada por desafios e lutas pela sobrevivência.

A análise dessas inter-relações permite a compreensão não apenas as consequências imediatas da seca e da desertificação na vida dos personagens, mas

também como esses fenômenos climáticos atuam como catalisadores de transformações sociais, políticas e culturais. A seca não é apenas um elemento climático; ela se revela como uma força que molda e redefine as estruturas sociais, os valores éticos e as relações interpessoais, colocando em evidência a resiliência e a fragilidade do ser humano diante da adversidade.

É crucial salientar que a obra de Rachel de Queiroz não se limita a ser um relato ficcional; ela se apresenta como um registro histórico e humano, capturando a essência de um período turbulento da história brasileira. A autora, por meio de uma narrativa pungente e visceral, nos transporta para um cenário de sofrimento, esperança e luta pela sobrevivência, delineando as dificuldades enfrentadas pelos retirantes e suas famílias em meio à aridez do sertão nordestino.

Assim, ao desvendar as complexas relações entre a história, a natureza e a condição humana presentes na obra de Rachel de Queiroz, esta pesquisa busca não apenas interpretar uma obra literária, mas proporcionar um entendimento mais amplo e profundo sobre os dilemas, as tensões e as superações enfrentadas por um povo que, diante das intempéries da natureza e das vicissitudes sociais, persiste na busca por dignidade, sobrevivência e esperança. A narrativa de Queiroz se erige, portanto, como um testemunho vívido e atemporal de uma época e de um povo imbuído de resiliência e determinação.

CAPÍTULO 1: A LITERATURA DE RACHEL DE QUEIROZ E O SEU CONTEXTO HISTÓRICO

1.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo faremos uma contextualização histórica da obra “*O Quinze*”, de Rachel de Queiroz, num primeiro momento apresentaremos uma análise das mudanças sociais que se estabeleceram no tecido social da sociedade brasileira, a partir do final do século XIX e início do século XX, a fim de, compreendermos o processo histórico e material que levou o país ao período em que o fenômeno da seca e o processo de desertificação no Brasil, mobilizaram debates e produções intelectuais, artísticas e de movimentos sociais acerca da temática. Em seguida, apresentaremos uma descrição da obra, seus pontos mais importantes e características ligadas à escola literária em que se enquadra.

1.2 - O devir para um novo momento: as tensões sociais do final do século XIX construindo as condições para as novas tramas

A partir dos anos 1870 urge no Brasil uma camada de intelectuais movidos pelos ideais que tomavam os centros intelectuais europeus, sustentados em três grandes pilares: o abolicionismo; liberalismo democrático e republicanos. Estes três pilares sustentavam uma crítica e condenação a “fossilização” da sociedade Imperial, para isso, os intelectuais teriam seus focos direcionados para determinadas questões: atualizar o modo de vida da sociedade imperial, modernizar as estruturas societárias e elevar o nível cultural e material da população. O alcance destes objetivos seria concretizado seguindo o roteiro: “[...] a aceleração da atividade nacional, a liberalização das iniciativas - soltas ao sabor da ação corretiva da concorrência e a democratização, entendida como a ampliação da participação política” (SEVCENKO, 1995, p. 79).

Eram os ventos da modernidade que se instala no país e impõe modificações cruciais em todas as áreas, desde as questões relacionadas a ordem hierárquicas até as relacionadas ao tempo e espaço, sentidas, pode-se dizer no âmago, nas subjetividades, na condução das relações sociais brasileiras. Por certo, as mudanças que trouxeram consigo a constituição da República Velha, mas não só, representando a necessidade de modificações impostas pelas elites locais, enfrentaram resistências num Brasil tradicionalista, como a resistência de

Canudos, que impõe ao novo regime derrotas significativas e que denunciava o caráter das elites locais e da intelectualidade brasileira (SEVCENKO, 1998).

Em seus estudos sobre a literatura de Euclides da Cunha, Sevcenko (1998) aponta para os fatores que contribuíram diretamente para que Canudos, tivesse conseguido impor derrotas significativas as forças militares do novo regime, que se deslocaram para subjugá-los. E conseqüentemente denunciava o caráter das elites locais, que desconheciam totalmente as condições climáticas no sertão brasileiro, da cultura e hábitos populares, suas ignorâncias sobre o próprio país materializavam suas posturas, voltados demasiadamente para o Velho Continente que constituíam suas relações políticas e sociais, imbricando os encaminhamentos da economia e modos de vida no litoral brasileiro.

Não só os levantes em Canudos marcaram o nascimento da república brasileira, mas também a insurreição no centro urbano do Rio de Janeiro, que ficou conhecida como a Revolta da Vacina, também duramente reprimida pelo novo regime. As revoltas caracterizam-se quanto respostas ao fato de que as mudanças energéticas e tecnológicas que representavam o progresso e a modernização, mobilizaram discursos e ações práticas que para as populações pauperizadas da época se transformaram em opressões assoberbadas (SEVCENKO, 1998).

Para Sevcenko (1995 e 1998) estes que se propunham os grandes difusores do avanço europeu, que deveriam ser assumidos por aqui, são as elites europeizada responsáveis por imputar mudanças significativas no cenário político, econômico e social brasileiro. Compreende-se que as transformações europeias que ocorreram neste período, foram importadas enquanto ideias para os intelectuais brasileiros, rebatendo fundamentalmente nas suas produções, principalmente artísticas.

A interpretação dos paradigmas transformadores da sociedade europeia, deveriam não somente ser ideário, precisava materializar-se enquanto instrumento modificador da sociedade brasileira, portanto, não deveria somente constar em suas obras, mas em suas posturas, isto é, viam-se porquanto condições indispensáveis para o processo (SEVCENKO, 1995). Apesar dos paradigmas dos ideais europeus instalados e que mobilizou os intelectuais a época, ao auspício da criação do Estado Nação brasileiro, as condições geográficas, políticas e culturais de nossa sociedade imputariam, aos intelectuais transformadores, preocupações com as possíveis percas de território, aflições essas, que lapidaria e constituiria o caráter militarista que impulsionariam uma política de controle geográfico e, ao mesmo tempo, expansionista para o interior, ocupar as terras “ociosas” e torná-las parte deste processo de desenvolvimento cultural e material, era uma necessidade (SEVCENKO, 1995).

O próprio barão do Rio Branco, conforme já vimos, iria imprimir à diplomacia brasileira uma orientação claramente defensiva com vistas a esse receio onipresente. Foi por referência a

ele também que a maioria dos intelectuais brasileiros preocupados com o destino do país modulou as suas obras. A parte de guiar-se pela cartilha europeia, era preciso igualmente não perder de vista a outra face da moeda, submergindo num jogo incondicional de drásticas consequências. (SEVCENKO, 1995, p. 84).

À guisa destas questões, foi-se moldando os princípios defendidos por estes intelectuais, logo, buscava-se aqui a produção de um conhecimento autêntico, mesmo que seguindo as técnicas exportadas da Europa, ele deveria estar empenhado em dar conta das especificidades brasileiras e, além disso, deveria gerir lucidamente o destino do Brasil, isto tudo, mobilizado por uma sensação de instabilidade e indefinição que assolou o país no final do século XIX (SEVCENKO, 1995).

Nesse entremeio, em que a literatura se tornou instrumento, não somente idealizado, das mudanças sociais, as profundas raízes brasileiras, na tirania, colonialismo e totalitarismo, não foram desmanteladas com a busca de um novo mundo, perpetuou-se o caráter oligárquico que dominava o poder local, fundamentalmente dirigido pelas elites brasileiras.

Estes fatores são fundamentais para compreensão da relação paradoxal que liga os movimentos literário e a construção do Estado Nação. Focalizaremos aqui, uma discussão acerca da construção discursiva, ligada a uma literatura romântica, sobre o sertão brasileiro, essa brasilidade sertaneja e a cultura literária e científica como instrumento de sua construção (OLIVEIRA, 2022).

Os apontamentos feitos por Oliveira (2022) em suas pesquisas, quando o mesmo, aponta para a figura do homem, vindo do sudeste do país que chega ao nordeste e se incumbem de noticiá-lo, munidos dos preconceitos adquiridos com o cientificismo à época, construiu, sobremaneira, a compreensão sobre o sertão que articulava a desqualificação da terra e humanidade dos sujeitos que se encontravam para além das avenidas urbanas, representações do progresso, eram as barreiras que enfrentaria a civilização para aqui se estabelecer.

A mobilização semântica construiu numa identificação básica e semiótica que ligou diretamente a Região Nordeste ao deserto, áreas desérticas. Que foi, estrategicamente, assumida enquanto agente de restrição política, isto é, retroalimentou a inércia das autoridades e Poder Público para com essa região, haja vista, a sua suposta, completa impossibilidade diante o poder da civilização (OLIVEIRA, 2022).

Historicamente a concepção da ideia de Sertão está permeada por contradições históricas, advindas primordialmente da busca incessante da construção da identidade nacional. As perspectivas etnocêntricas que imperavam na mentalidade das elites locais que dominavam o Brasil e os paradoxos acerca da civilidade e civilização, onde a Corte e vida urbana, e, posteriormente, a República e os centros cosmopolitas, representavam a civilidade

e a ordem e tudo que se afastavam destes, o Sertão, o atraso e a ignorância (OLIVEIRA, 2000).

É imprescindível a compreensão que ao longo da história o Sertão fora visto e compreendido em vários campos semânticos. Sua articulação dentro da literatura e intelectualidade brasileira seguiu um percurso longo e esteve relacionado a questão da natureza exuberante brasileira e os seus efeitos para a constituição da nossa sociedade. Sendo este um processo que se pode visualizar na produção literária de toda a América Latina (MURARI, 2009).

Murari (2009) leciona que a natureza ocupou lugar privilegiado na análise intelectuais nessa região e era por meio dela que estes intelectuais construam suas inserções no cenário da vida pública. As mobilizações discursivas acerca da natureza eram instrumentalizadas para se apropriar até mesmo do território, por meio de representações que possibilitavam a sua formação. Isto é, a natureza ocupava a centralidade na organização dos discursos.

Apegados as concepções científicista e positivista, a natureza é mobilizada na construção de uma nova imagem do país. Os intelectuais a época dedicaram páginas e mais páginas para analisar os embricamentos entre natureza e cultura no Brasil. No entendimento da época, a razão científicista seria responsável por salvar o país das trevas da colonialidade e seria responsável por construir as mudanças profundas e necessárias para um desenvolvimento cultural aos moldes das nações avançadas (MURARI, 2009).

Nesse primeiro momento percebe-se que a atuação dos intelectuais à época, foi essencial para mudança que ocorreram no país, principalmente para a consolidação da República, como sinônimo da civilização. No entanto, Sevcenko (1995), aponta para uma desilusão com a República e com o poder instituído em seu âmbito. E foram essenciais para os intelectuais, autores e profissionais que se firmariam, a partir da década de 1920 (LIMA, 1998).

Lima (1998) sugere que naquele momento histórico a interpretação que balizava tanto a produção literária, tanto a científica, era de que a natureza era de fato o sujeito da história. O que dialoga diretamente com os pressupostos que sustentam a pesquisa em voga, quiçá, explicando as contradições e paradoxos que podemos observar nos debates aqui apresentados, num momento o Sertão mobilizado enquanto construção da identidade verdadeira do povo brasileiro, ora sendo fator de inviabilidade para a modernização e civilização, movidos numa perspectiva urbanocêntrica.

À guisa destes fatores, os debates mobilizados em dois campos de atuação e disputa: civilização e barbárie, materializando as oposições uma “civilização de copistas x uma cultura autêntica” (LIMA, 1998, p. 32), uma cultura em construção. Criado, sobretudo, no contraste com a região em que se instalou a região colonial, os colonizadores, e a região em que se

instalou os colonizados e seus descendentes, balizando um imaginário sobre o sertão (LIMA, 1998).

Duas cargas semânticas balizavam as perspectivas sobre o sertão: uma ligada a questão da natureza, do bioma, o semiárido, e, outra, a questão econômica e a forma de organização social deste local. Que se fundamentavam, inclusive, nas perspectivas do espaço geográfico vazio, de ocupação, de natureza selvagem e dura, organização social aos moldes da colonização e os resultados foram o isolamento físico e social do mesmo (LIMA, 1998).

Em todos os aspectos nota-se a presença dos dois eixos principais do pensamento à época, imperados até a terceira década do século XX, raça e natureza, mobilizados de modo a dar uma definição ao sertão, articulando polos ambivalente próprios das contradições sentidas naquele momento, e é nessa ambivalência que o pensamento sobre o Brasil e os sertões se consolidou (LIMA, 1998).

Para Munari (2009) as ideias de progresso e aperfeiçoamento que se firmara entre os intelectuais do momento difundindo princípios da evolução social e um projeto de incorporação que se daria de forma progressiva em que o país integraria se à civilização moderna. Ao debruçarem-se, a partir de conceitos fundamentais para a produção científica à época – raça, o meio e o momento histórico, estes intelectuais buscavam identificar as influências do meio e a paisagem para o desenvolvimento material e a construção coletiva de uma identidade nacional.

As percepções fundantes naquele momento eram de que as diferenças entre os povos poderiam ser explicadas a partir das características biológicas, que imputava aos sujeitos uma correspondência moral. Ideias essas que partiam da difusão das concepções do darwinismo social, que acreditava numa hierarquia entre os grupos de seres humanos, balizados na natureza e as leis sociais eram permeadas por ela (MURARI, 2009).

Nesse sentido, com o advento do novo século, XX, algumas mudanças significativas ocorrem nas perspectivas sobre o sertão, principalmente nos primeiros anos de República, agora buscava-se incorporar o sertão, sob o discurso de duas ideias centrais, os ideais civilizatórios das elites, principalmente o desejo de maiores intervenções diante a natureza e seus recursos naturais e a questão da autenticidade/identidade nacional (LIMA, 1998).

Este processo foi marcado pela intermitência devido aos diversos problemas encontrados no percurso. As condições do meio geográfico foram os principais fatores para a questão da intermitência, o que denotava uma dependência da vida financeira ao meio físico e as condições deste. O processo de conquista territorial que expandiria o domínio da colonização e de suas fronteiras ocidentais, daria conta, nas perspectivas difundidas, de integrar a natureza, que posteriormente imprimiria traços que seriam característicos do povo brasileiro (MURARI, 2009).

O Sertão e as relações constituídas nele foram, incansavelmente, discutidos e representados na literatura da época. E fundamentavam-se nas questões aqui supracitadas, a influência do clima e os aspectos da Natureza sob os sujeitos e suas relações. Os homens do Sertão eram descritos e imaginados como violentos, fantasiosos, exaltados e até delirantes, questões essas vindas do calor extremos e as difíceis condições climáticas (MURARI, 2009).

Entretanto, este sertão árido e quente, foi um dos campos semânticos e concretos que construíram a literatura brasileira. Anterior a este momento, outras percepções de serão foram mobilizados, num determinado momento os lugares ainda não subjugados pelas forças dos homens, como localidades de vastas matas, praticamente desabitada, uma região selvagem também foi entendida como sertão. E foram fruto de análises a partir dos paradigmas em que a natureza influenciaria o caráter dos homens

Nos estudos de Murari (2009) pode-se perceber que neste outro campo semântico em que o sertão é analisado, o homem sertanejo é concebido a partir dos princípios que balizariam mais tarde a busca de uma identidade nacional. Altos valores morais, coragem, patriotismo, o seu debruçamento sobre o meio, que o dota de significativos conhecimentos sobre este, rusticidade e liderança.

E, não obstante, as contradições paradoxais que já apresentamos aqui, também podem ser percebidas nesse momento histórico e campo semântico sobre o sertão. Se o homem sertanejo poderia representar uma possibilidade de identidade para o país, também preocupava os intelectuais da época sua postura considerada intransigente, arrogância, tradicionalismo e um orgulho assoberbado. A tradicionalidade e o conhecimento sobre a terra, que mobilizavam neste homem um apego ao território que vivia, poderiam ser instrumentos de mobilização do sentimento patriótico, mas também poderia representar, uma dificuldade por conta da tradicionalidade de aceitar o estabelecimento da civilidade e racionalidade, princípios buscados pelos intelectuais da época.

É no final do século XIX que a literatura regionalista assume uma evocação direta do sertão como formador de uma sensibilidade brasileira. É um resgate dos sentimentos do romantismo que tinha uma forte tradição na cultura do país. Mesmo que esta tendência não seja permanente, pois muitos dos intelectuais da época assumiam uma postura extremamente crítica ou negativa em relação ao sertão. Mais uma vez, essas críticas se balizavam pela perspectiva de que o sujeito sertanejo era uma raça inferior, que impedia a implementação do progresso (MURARI, 2009).

Esse resgate das perspectivas românticas se deu justamente no culto a tradição, num sentimento de exílio, que buscava as imbricações do presente e passado, o que mobilizava esse movimento era a nostalgia, numa tentativa de recuperação de uma identidade e o restabelecimento da articulação orgânica entre indivíduo e coletivo. A regeneração viria por

meio da exaltação da nacionalidade, agora a natureza toma outra roupagem na leitura e interpretação intelectual, ela torna-se uma ponte de diálogo do homem e gera o ímpeto para a vida, estimulando a reflexão (MURARI, 2009).

Se em determinado momento a natureza era vista como um castigo aos homens e a narrativas se dava em torno da sua dura e triste condições de trabalho, o olhar agora era permeado de sentimentos subjetivos, dos escritores que buscam nas memórias suas vivências, uma tentativa de construir uma representação da paisagem que estivesse no campo do sentimental e sensorial. Neste momento, o sertão buscado era aquele construído na memória dos literários e intelectuais, que traia consigo um amor a terra natal, permitindo-os que construíssem suas percepções sobre o tempo, a história e formação (MURARI, 2009).

Para Murari (2009), diferente de outros momentos, podemos observar neste momento que o gênero literário tem um direcionamento, um conteúdo programático estabelecido, e compreende bem a sua relevância para a construção da cultura. Podendo afirmar que a literatura regionalista é uma resposta aos impactos da modernidade e transformações sociais da última década do século XIX, os avanços tecnológicos e as transformações sociais tidos como o carro civilizatório, tinham como perspectiva o esmagamento do mundo tradicional.

Neste cenário, o mundo rural constitui-se enquanto “substrato de autenticidade que salvaguardaria a cultura nacional dos efeitos da modernidade, que se estabeleceu justamente a partir da negação da tradição e do enraizamento geográfico” (MURARI, 2009, p. 196). As transformações da modernidade não se deram somente na materialidade, mas também, transformou a visão literária da época. Segundo a autora, a compreensão da literatura regional da época deve ser compreendida a partir do processo de modernização, pois essa se incumbiu de registrar essas culturas obsoletas e marcadas para o desaparecimento, instrumentalizando-as para a construção de um sentimento de autenticidade e que serviu de acervo etnográfico.

Nesse sentido, Murari (2009) defende que “o regionalismo contribuiu, ao mesmo tempo, para a permanência de uma visão da realidade brasileira a partir do exterior - a observação aristocrática do "homem de letras" - desta vez voltada não para a representação da diferença do país em relação à Europa, mas para as suas próprias diferenças internas” (p. 196).

Dessa maneira, após ser construído em vários campos semânticos, o termo “Sertão” passa a ser concebido a partir de uma generalidade. Essa generalidade compreendia um conjunto de signos e significados mobilizados por um viés urbanocêntrico, que alimentavam a oposição entre o mundo rural e o urbano. Tomado de significações emocionais, representadas no retorno à origem com o objetivo central de resgatar os valores da identidade nacional (MURARI, 2009).

Por meio deste movimento a carga semântica do “sertão” foi despida dos aspectos geográficos e a ele foi imputado a missão de caracterizar regiões do território nacional que tinham características próprias e estavam na fronteira imaginária, constituídas sob os signos da “civilização” representadas pelos centros urbanos e o “atraso” as periferias urbanas, o campo e as regiões consideradas ainda selvagem (MUNARI, 2009).

À guisa destes fatores, percebe-se uma contradição nesse processo, ao mesmo tempo que a civilização era pensada a partir do campo semântico urbanocêntrico, o sertão era encarregado de uma função moral, pois representava o afastamento das influências externas que chegavam nos litorais e grandes centros e eram assumidas rapidamente, principalmente no que diz respeito aos pensamentos. Era no sertão que se buscava os elementos étnicos que caracterizariam a nacionalidade brasileira, conservadas pelo homem sertanejo nos rincões do Brasil, num processo de adaptação num ambiente considerado pouco apropriados e de dura realidade, que o modelaram em sua tradicionalidade, força e moral, traços étnicos caracteristicamente nacionais (MURARI, 2009).

De acordo com Murari (2009), a literatura regionalista da época foi construída com forte caráter ideologizado, com profundos laços com a perspectiva darwinista que o ambiente físico era o fio condutor para explicar o caráter e a conduta humana dos sujeitos sertanejos. Os sujeitos para os escritores dessa vertente literária, como pode ser observado em outros pesadores da época, era modelado em duas instâncias fundamentais, a seleção natural e adaptação. Ou seja, o homem era a imagem da natureza na literatura regionalista.

Percebe-se que o principal elemento da construção do sertão é a sua representação a partir das ideologias e perspectivas dos homens das letras, um observador tido como culto e que estava obviamente afastado da realidade que buscava representar em suas obras. Vistos como agentes dotados de capacidade para traduzir o “sertão” para o público culto dos grandes centros, ao passo que resgatava as características que deveriam ser incorporadas na construção da identidade nacional.

1.3 - A seca no sertão cearense: debates mobilizados e realidades idealizadas

A questão da seca tem sido vivenciada enquanto um problema a ser resolvido, desde meados de 1880, e ela se transformou em agente, modificando o âmbito das relações sociais, o que antes era organizado e encaminhado na esfera privada das relações, a partir da perspectiva paternalista, passa a ser questão pública, alçando o Estado/Poder Público como responsável por tratar a questão.

Diante um cenário perturbante de “fome, falência, migração vultuosa, furto, prostituição, peste e morte” (LARA, 2009, p. 19), as autoridades públicas são acionadas para produção de políticas públicas que socorressem os famintos da seca e logo surge a Inspeção de Obras Contra a Seca em 1909. “Este órgão deveria organizar o combate às secas da região semiárida, compreendida entre os estados do Piauí e norte de Minas Gerais.” (LARA, 2009, p. 22).

As mudanças ocasionadas pela seca, foram sentidas nos mais diversos âmbitos do tecido social, produziu um novo sujeito coletivo no sertão brasileiros, os retirantes. O que modificou a percepção das autoridades e dos homens das letras sobre a questão, elevando-a ao patamar de fenômeno social, no momento histórico, as preocupações não mais se detinham sobre a natureza, os animais e vegetação, já que a leva de retirantes que chegavam aos centros urbanos traziam consigo outras questões relacionadas as relações sociais, econômicas e de saúde pública (LARA, 2009).

Gonçalves (2018) em seus estudos demonstra que a seca neste momento não só ocasionou mudanças nos imaginários dos sertanejos, o sofrimento destas comunidades é transformado em um problema de ordem nacional e mobilizou a sociedade, a fim de, socorrer os flagelados da seca. Além disso, a ciência, que naquele momento reunia em torno das concepções positivistas, é instrumentalizada na busca de encontrar caminhos para a resolução do problema. Podemos perceber aqui que a Natureza mais uma vez é a mobilizadora dos debates intelectuais e da própria ação dos homens na busca histórica, já apresentada na seção anterior, de domá-la.

Muitas foram as secas que assolaram o sertão cearense, e as províncias do Norte, hoje denominada de Nordeste brasileiro. Essas regiões foram povoadas a partir de um processo histórico de muita violência e expulsão das populações que antes residiam nessas localidades e com o processo de colonização resistiram ao processo colonizador. Esse processo se deu a partir de interesses econômicos ligados a cultura do plantio de algodão, a lógica da ocupação interiorana no sertão brasileiro é marcada pelas relações de colonização do mercado externo (GONÇALVES, 2018).

Gonçalves (2018) ao se debruçar sobre o processo de colonização do sertão brasileiro, destaca que a pecuária e a cultura do algodão foram os carros condutores deste processo. Ocupado por uma população extremamente pauperizada, condição aprofundada com as secas, agravadas com o avanço nas áreas litorâneas da plantação de cana-de-açúcar que destruiu a Mata Atlântica.

Os estudos de Campos (2014), coadunam com as questões apontadas em Gonçalves (2018), ao apontar que a ocupação do Nordeste brasileiro se inicia pelo litoral de Pernambuco; as condições climáticas organizaram o processo, dividido entre estações chuvosas e seca, com

solo argiloso de massapê, que possibilitou a cultura de cana-de-açúcar. Já as demais localidades onde a cultura de cana-de-açúcar não podia ser implementada fora responsabilizada por assumir a pecuária.

Segundo Campos (2014), a falta de atuação dos governantes do Brasil Colônia acerca da questão da seca no Nordeste brasileiro devia-se ao fato de que suas consequências eram sentidas, sobretudo, pelas populações de baixa densidade demográfica. E foi, somente após o crescimento populacional, devido às questões relacionadas ao cultivo do algodão na região e a pecuária (GONÇALVES, 2018), que se tornariam itinerantes levando os problemas sociais, econômicos, políticos para os centros urbanos na década de 1880 que uma atuação dos poderes públicos é percebida.

As mudanças ocasionadas com a Lei de Terras de 1850, somada a ocupação de terras pela cultura do algodão, somada a impossibilidade de expansão desorganizada da criação de gado, foram fatores essenciais para as consequências da seca na década de 1870. As populações que eram absorvidas para o trabalho na pecuária, agora em número muito maior e a mudança de cenário, que já não mais contava com a abundância de terras e as áreas úmidas tomadas por plantações de algodão, contribuíram diretamente para o processo de êxodo rumo ao litoral (GONÇALVES, 2018).

É somente em 1877 que a seca passa a ser de fato entendida como uma questão de ordem pública, uma vez que, ela já não mais castigava os pobres e miseráveis da época, mas recaiu as elites locais, bem como, representou uma ameaça com a invasão das cidades pelos famintos da seca. Os retirantes que chegavam à capital por meio das estradas precárias, após longas caminhadas, encontravam-se em estado de calamidade, famintos e atingidos por diversas doenças, o que mobilizou o governo a atuar, pela primeira vez, de forma organizada (GONÇALVES, 2018).

Nesta época a seca mobilizou intensos debates dos intelectuais e políticos da época que buscavam implementar políticas que dessem conta de resolver o problema da seca. As propostas pensadas por estes intelectuais iam desde a construção de açudes e alagados, até o florestamento de áreas áridas para modificação do clima nas localidades mais atingidas pela seca (GONÇALVES, 2018). Mesmo diante dos calorosos debates realizados no final do século XIX e as políticas pensadas a partir deles, não foi possível deter a chegada de mais uma seca no início do século XX. Em 1913 já se sentia a estiagem que levaria ao cenário catastrófico da seca de 1915, somado, principalmente, com as mudanças no que diz respeito ao desmantelamento das relações sociais no campo, que se deu a partir de 1910, que por meio da nova lei de terras e mudanças nas relações de produtividade, reorganizou a relação entre fazendeiro e sertanejos (LARA, 2009).

Ao mesmo tempo que a seca era tida como um problema a ser resolvido, criava-se um paradoxo do movimento da modernização, o grande número de retirantes que chegavam à capital, lhe concedia a imagem de metrópoles, que, ao mesmo tempo, se contrapunha com a imagem dos “flagelados da seca” que para garantir a subsistência erguiam com suas mãos, os signos da modernidade.

A seca nesse sentido mobilizava medos, mudanças urbanísticas, no tecido social na totalidade, fundamentalmente, os ventos que sopravam do interior do Estado com a presença dos cangaceiros que movimentavam a imaginação e os medos das elites locais. Isto é, o risco que a fome representava para a ordem pública e a propriedade privada (LARA, 2009).

As secas motivaram as migrações dos retirantes, com o Norte sendo o destino principal. Eles enfrentam maus-tratos e difíceis condições de trabalho na chegada, mas essa é a esperança de muitos para sair das calamidades. Para o governo, a emigração é uma forma de contornar o problema. O que também mobilizou discursos e percepções sobre estes sujeitos históricos, que na perspectiva de muitos intelectuais à época e políticos, eram vistos, como uma massa inerte, à mercê da própria história e não enquanto agentes nesses processos, que num processo de migração, iam construir a riqueza em outro estado, como a Amazônia (LARA, 2009).

Evidencia-se aqui uma mudança nas perspectivas, se anterior a este período, era incentivada e tida como política pública a migração, agora, entendia-se que estas deveriam não ser incentivadas. Coadunamos com Lara (2009) quando analisa que o que estava por trás dessa nova perspectiva era os interesses políticos de controle, poder, medo e repulsa, já que as relações entre patronato e trabalhadores não eram regulamentadas, mas se dava no campo do paternalismo e em “tempos bons” os patrões mantinham seus funcionários, por meio de um sistema de troca de favores.

Fatores como este podem ser observados na obra “*O Quinze*”, de Rachel de Queiroz, na figura de dona Maroca, o processo migratório, principalmente para outros Estados, representava a falta de mão-de-obra para os latifundiários ao se recuperarem da seca. O que mobilizou muitos fazendeiros levarem muitos dos seus funcionários a serem contratados nas obras públicas de açudes, assim, mantinham-no por perto para quando a seca passasse.

Para a população pobre a seca representou a fome e a pobreza, mas para muitos latifundiários donos de terras, representou a oportunidades de aprofundamento e fortalecido do poderio oligárquicos, já que muitos recursos públicos destinados às consequências da seca, foram transferidos para estes senhores de terra para obras serem realizadas dentro de suas propriedades, com objetivo de conter a migração das mão-de-obra (LARA, 2009).

Para Lara (2009) a criação de várias frentes de trabalho no interior, tinham o objetivo direto de conter e isolar a grande massa de retirantes longe da capital. Estratégia essa que se

somavam ao Campo de Concentração da seca de 1915, onde os retirantes eram submetidos a isolamento e vigilância, ao contrário da proposta de assistência, a realidade era a fome, epidemias e morte.

À guisa destes fatores, moralidade e ordem, eram a centralidade das propostas políticas à época para seca. O mesmo era feito no interior com a política de açudamento, o Estado não poderia assumir uma política de transferência de renda, nem de esmola aos famintos da seca, por isso, deveria agir na medida certa para garantir, o adestramento, a moral e o trabalho. Higienismo e eugenia estavam atrelados e organizavam a construção de campos de concentração enquanto política pública. O que ocasionou à época milhares de mortes dos flagelados da seca. Nas próximas sessões trataremos de apresentar, a partir de “*O Quinze*” de Rachel de Queiroz, este cenário.

1.4 - “*O Quinze*” de Rachel de Queiroz: a arte imita a vida ou a vida imita a arte?

Muitas são as questões que permeiam o cenário histórico do final do século XIX e o início do século XX. As principais giram em torno da Abolição da Escravatura, as migrações provocadas pelas secas e a constituição da República, os homens recentemente livres requerem essa liberdade e se espalha pelo território, os flagelados das secas migram por toda parte e a busca por constituir grandes centros urbanos aos exemplos da Europa se tornam impossíveis diante tantos corpos flagelados e dominando os centros da cidade (WISSENBACH, 1998).

Considerando a grande concentração da propriedade privada, havia um fluxo intenso de migrações internas, a reunião desses grupos extremamente pauperizados e flagelados, preocupava as elites locais urbanocêntricas e seus projetos de progresso e civilidade. Principalmente porque a experiência de grupos marginalizados reunidos já era conhecida dessa elite, Canudos continuavam a rondar a memória e mobilizar medos e ações das elites políticas (WISSENBACH, 1998).

É importante que se compreenda que todos os processos históricos de transição que se estabeleceu no território brasileiro, foram frutos dos pactos que se deram pelo auto e pensados a partir dos valores autocráticos da burguesia nacional. Naquele momento pensou a constituição de uma identidade nacional, a ideia nacional, um pacto unificador do povo brasileiro que tinha como norte o impedimento do avanço da organização das classes populares e o responder o medo das elites locais da proletarização e por isso “transformaram o patriotismo em nacionalismo quando deram ao ‘espírito do povo’, encarnado na língua, nas tradições populares ou folclore e na raça [...], os critérios da definição da nacionalidade.” (CHAUÍ, 2001, p. 12).

À guisa destes fatores, reorganizavam-se as forças políticas da sociedade brasileira e imputa-se ao povo, processos de mudanças compulsórias por meio de processos violentos de repressão, a partir dos grandes centros políticos, demonstrando mais uma vez, os processos autocráticos e de caráter ainda coloniais que aqui se estabeleceram. Como observa-se nas mais variadas modificações implementadas pela República Velha e os aparelhos jurídicos daquele momento, que buscaram, em seus bojos, o controle social por meio da jurisprudência dos corpos, dos desejos, das famílias e da moralidade, fatores essenciais para a construção de uma identidade nacional (SOUZA FERREIRA; PEDRO, 2012).

É sabido que o interesse estatal em controlar o âmbito familiar, a moralidade, o casamento, também estavam diretamente relacionados a política eugênica de branqueamento da sociedade brasileira (ESTEVEZ, 1998). No entanto, o que nos importa de imediato neste trabalho é demonstrar como os processos históricos de mudanças se estabelecem no âmbito do tecido social, por meio de vários instrumentos, sejam eles políticos, econômicos, culturais, artísticos e outros. Sendo estes todos suscitados dentro do discurso intelectual hegemônico ou de denúncia social, uma vez que, não podemos perceber os de baixo, enquanto pessoas sujeitadas pacificamente a estes processos, apesar de que, em muitos casos, serem oprimidos pelo braço armado do estado.

Não obstante, a literatura ocupou espaço significativo na construção do ideário de uma identidade nacional, balizados nos pensamentos de teóricos percussores como Nina Rodrigues, Euclides da Cunha e Sílvio Romero, que se balizavam nas teorias evolucionistas que vinham sendo elaboradas na Europa em meados do século XIX, somados aos argumentos epistemológicos do meio e raça. Neste sentido, Euclides da Cunha publica em 1902 seu clássico *Os Sertões*, que narra sob sua perspectiva a guerra de canudos.

De acordo com Vasconcelos (2006) há toda uma mobilização nacional dos grandes centros do Sudeste e Sul que se empenham em se consagrar enquanto um Brasil de fato. Apegados as teorias naturalistas, determinista e racistas, produziu por meio das artes uma imagem do nordeste que o colocava, geográfica e socialmente, como inferiores as outras regiões aqui supracitadas, pois este estava diretamente ligado ao rural, portanto, numa construção em que coloca os dois em comparação, cria-se e justifica-se a ideia de superioridade.

O fato é que o início do século XX a produção literária brasileira sobreviveu de duas estéticas literárias herdadas do final do século XIX, Simbolismo e Parnasianismo, em sua grande maioria, resguardando, por óbvio, percussores de uma literatura mais crítica e denunciavam as condições que as classes populares viviam, como é o caso de Lima Barreto e Euclides da Cunha.

A migração, a industrialização incipiente, destacou São Paulo do restante do país e ali no âmago das transformações no quadro cultural, político e econômico que começam a forjar e formar os artistas conhecidos pelo que mais tarde ficaria conhecida como Semana de Arte Moderna de 1922 de São Paulo e dá vida a uma nova escola literária o Modernismo. Nascimento (2015) pontua que essa organização se deu a partir do contato de artistas brasileiros, com as novidades artísticas, do início do século XX, na sociedade europeia, tendo sido importadas para o Brasil.

O movimento por certo influenciou diversos autores e artistas à época em todos os cantos do Brasil. Nesse bojo, Rachel de Queiroz, escritora cearense, nascida em 1910 na capital daquele Estado. Foi professora, jornalista, romancista e teatróloga, o que a levou a ser a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, consagrando-se enquanto um dos maiores nomes do movimento regionalista.

Rachel de Queiroz também foi retirante, fugindo do interior do Ceará com a família para fugir da seca de 1915. E posterior, utilizou sua experiência para escrever seu primeiro romance em 1930, "*O Quinze*". Romance responsável por retratar a vida do sertanejo atingido pela crise climática que o transformou em retirante (SOUZA; COSTA, 2013).

A obra caracterizou-se e reverberou em todo o país por apresentar uma profunda denúncia social, posicionando-se frontalmente diante a temática da seca e o êxodo, daquele por ela cometidos, perpassando pelo coronelismo e as paixões, num diálogo intertextual entre as questões psicológicas e as questões sociais. Diferente do que se esperava, apesar das obras deste momento serem classificadas quanto regionalistas, essas carregavam a principal característica de não se limitarem ao exótico, as ideias dualistas que vinham imperando no país, na produção literária.

Houve uma onda entre os regionalistas que os levaram a assumir o caráter político da literatura, que trouxe ao público profunda reflexões acerca das questões que envolviam os povos, principalmente em determinadas regiões. Como no caso da literatura de Rachel de Queiroz, que tratou diretamente da questão da fome, da seca, o questionamento acerca das oligarquias estabelecidas nos processos históricos de mudanças profundas ocorridas naquele momento (ABDALA, 1986).

Pode-se afirmar que os modernistas de 1922 abriram portas para uma nova geração que retratou o Brasil, para além do modernismo heroico, mas na sua diversidade, nas multiplicidades e especificidades de cada localidade, trazendo uma rica discussão das questões que permeavam o Brasil. Souza e Costa (2013) lecionam que a segunda geração do regionalismo, reuniu escritores que se destacaram falando da realidade do sertão, as dificuldades enfrentadas pelo sujeito sertanejo, o que muitas vezes eram frutos das suas próprias vivências.

Como demonstrado acima, a temática principal de “*O Quinze*” de Rachel de Queiroz é a seca, e como pano de fundo, mas não menos importante, a fome, temática que pode ser encontrada nos 26 capítulos da obra. É fundamental que se entenda, em uma análise da obra, que o principal objetivo encontrado nas duras linhas, não é o de uma literatura que tenta dar uma lição ao leitor, ensinar algo, mas sim, descrever a realidade dos personagens que, na prática, era a materialização pela arte da realidade do nordeste e sua população frente a dura realidade da seca. A trágica história da família de Chico Bento e Cordulina, juntamente com os filhos, de ter que abandonar o sertão e rumar para o Amazonas, atrás de melhores oportunidade e o duro percurso marcado pela morte de um filho, o sumiço de outro (SOUZA; COSTA, 2013).

Mesmo se tratando de uma obra que traz as profundas mazelas embricadas no tecido social brasileiro, podemos perceber que a autora não assume um papel de agente direto dessas denúncias, significando que a mesma, não faz as contestações necessárias de temáticas como a questão da propriedade privada. O que deixa evidenciado também a perspectiva liberal da obra e da autora. A obra tem um enfoque em questões que até hoje podem ser observadas, como a situação do sertanejo pauperizado, a corrupção, injustiças sociais e descaso governamental, mas não nomeia os responsáveis, é possível perceber a fragilidade da crítica direcionada à questão fundiária e a distribuição de terras nos sertões brasileiros (FREITAS, 2020).

Para Freitas (2020) a principal característica da obra racheriana é aquela observável na obra de outros autores da década de 1930 que se diferenciam dos modernistas de 1922 trouxeram em suas obras, ponto estes que trataremos na sessão seguinte do trabalho.

1.5 - A literatura racheriana e a literatura regionalista da década de 30

Evidentemente, nenhuma manifestação artística, desde a literatura até o teatro, escapa dos embates políticos ideológicos estabelecidos no tecido social, as mudanças requeridas nos determinados momentos históricos ao qual são produzidas. Para Cattapan (2010) os autores são levados a se posicionarem, alguns assumindo a responsabilidade de representar os interesses dos poderosos, os que estão por cima, e outros assumindo a responsabilidade de denunciar.

E assim produzem uma arte engajada, o que fez com que os romancistas da década de 1930, apresentassem em seus escritos uma obra com característica profundas na denúncia social. Definindo que a literatura regionalista, principalmente a nordestina engajada, consolidou-se por “tinha como temas a seca, o cangaço, a decadência dos engenhos, a miséria dos migrantes, a crise econômica do Nordeste.” (CATTAPAN, 2010, 109-110).

Nesse diapasão, a literatura regionalista da década de 1930, contrapôs-se a característica burguesa e elitista dos modernistas de 1922, principalmente no que se diz respeito a linguagem escolhida para os textos, o teor que constituiu os enredos, além de, ter como forte apresentar em suas páginas as condições subumanas a que, os camponeses e sertanejos foram submetidos. Fundamentalmente na obra de Queiroz (1930), a seca como pano de fundo, enquanto elemento manipulador da narrativa e constitutivo do enredo (FREITAS, 2020).

À guisa destes fatores, Lobato e Pereira (2011), apontam que a seca dentro do romance é articulada de forma magistral pela autora, que consegue por meio de sua escrita construir um fio condutor em que ela aparece de forma onipresente. Ora, sendo um componente que articula os pontos de vistas sociocultural e em outros momentos sem dizer diretamente as pretensões no cenário narrativo.

Para Lobato e Pereira (2020) a maior característica, principalmente da literatura regionalista nordestina, a seca é evidenciada, não enquanto um fenômeno natural estético, dentro das obras, mas elementarmente enquanto narrador, uma vez que ela conta/narra a história dos personagens. Sendo o principal fator de interferência em suas vidas, ocasionando suas mazelas, êxodo e outros fatores, para os autores a seca “impõe seu ritmo à narrativa, à movimentação dos personagens e também aos temas suscitados e discutidos ao longo do texto” (LOBATO; PEREIRA, 2020, s/p.)

Importa-nos apresentar essas questões, pois dela surgirá outros fatores mobilizados e apresentados nas obras deste momento, a fome surge também como elemento fundamental, enquanto resultado deste agente primordial que dá vida as histórias, a seca. Como observado por Lima (2019), os romancistas da época relataram de forma realística em seus romances a fome. Ao evidenciarem os simbolismos entre fome e miséria, tornaram mais palpáveis aos leitores a imagem de seus personagens, mas também de suas mazelas.

Outrossim, o mesmo pode ser observado nas linhas de Rachel de Queiroz, inclusive, a única mulher entre os renomados nomes da literatura da década de 1930, vejamos o fragmento abaixo:

Debaixo de um juazeiro grande, todo um bando de retirantes se arranchara: uma velha, dois homens, uma mulher nova, algumas crianças. Os meninos choramingavam, pedindo de-comer [...] dominava agora uma eterna preguiça da vida, da eterna luta com o sol, com a fome, com a natureza. (QUEIROZ, 2012, p. 34).

Fica evidenciado como a seca mobiliza e movimenta a narrativa, demonstrada na fome dos meninos e no bando de retirantes, e a “eterna luta com sol, com a fome, com a natureza” (QUEIROZ, 2012, p. 34), isto é, o campo semântico que materializa a grande metáfora de “*O Quinze*”, a Seca, ditando destinos dentro do texto literário. Para Lobato e Pereira (2020), é importante que a literatura seja vista como um fenômeno que extrapole os

limites do verbal, possibilidade de ler e interpretar os não-ditos, o cenário, as imagens anunciadas são responsáveis por também contar a história, por isso, a *Seca* narra o romance e torna-se a metáfora central dentro dele.

Na obra “*O Quinze*” é possível perceber a presença da seca e a fome enquanto produto das injustiças sociais, fenômenos esses que não atinge a todos da mesma forma. E é nesse caminho que podemos perceber a construção do espaço narrativo da obra, o Sertão e seu ambiente de mazelas políticas, sociais e históricas, o que demonstra uma capacidade ímpar de Rachel de Queiroz em descrever o sertão. Capacidade esta adquirida pelo fato de a autora ter vivido e andado pelo sertão cearense, por mais que a obra não seja uma autobiografia, ela se consolidou enquanto uma arte que materializa o tempo, espaço e momento histórico à época (LIMA, 2019).

Mais uma vez evidenciam-se as características dos romancistas modernos da década de 1930 em detrimento aos modernistas de 1922, enquanto os do primeiro momento tiveram uma preocupação com os interesses políticos ideológicos do momento, atendo-se a questão estética, com a linguagem, a construção de uma identidade nacional, os do segundo momento empreenderam um interesse com a crítica social.

Cattapan (2010) leciona que a visão que imperou nos modernistas de 1920 era uma concepção utópica mobilizados pelo desejo de progresso e modernidade, uma concepção considerada pelo pesquisador vanguardista, uma vez que, os autores da época acreditavam num país a ser construído desconsiderando as relações, modos de vida, cultura e outros fatores aqui já estabelecidos. A geração de 1930, por outro lado é tomada por um presente desastroso e nada promissor, cabendo a eles denunciarem o lugar de subdesenvolvimento que ocupava o país e as mazelas produzidas neste processo.

Segundo autores como Lafetá (2000) e Cattapan (2010) o que separaram e dão características próprias a essas literaturas, 1922 e 1930, são os projetos ideológicos destinados a elas. A literatura de 1922 dizia tudo com um projeto utópico de país que a burguesia industrial do momento carregava, os ideais de progresso, modernização, velocidade, valorização da máquina, do ambiente urbano. Por outro lado, a literatura de 1930, assumiu um projeto ideológico mais revolucionário, por trazer em seu bojo a exposição do fracasso e da contradição do projeto político burguês e por isso mais afeitos ao caráter de denunciante.

Mesmo os estudiosos que reconhecem a importância dos modernistas de 1930, da literatura regionalista e a influência destes para uma literatura engajada no país, recorrem a princípios preconceituosos para colocá-los enquanto uma arte frágil, por conta da linguagem escolhida para justamente dar veracidade ao retratado. Vale ressaltar que para os modernistas, regionalistas de 1930 o mais importante naquele momento não era um padrão estético linguístico, era justamente transpor essa literatura estática, padronizada e reconhecida, para

aproximarem-se da língua falada pelo povo, o que se justifica quando analisamos o que aqui já fora arrolada sobre a característica engajada da literatura à época (CATTAPAN, 2010). Fatores esses que podem ser observados na crítica destinada a questão por José Lins do Rego:

A língua de Mário de Andrade em *Macunaíma* nos pareceu tão arrevesada quanto a dos sonetos de Alberto de Oliveira. A língua que Mário de Andrade quis introduzir com seu livro é uma língua de fabricação; mais um arranjo de filólogo erudito do que um instrumento de comunicação oral ou escrito. O livro de Mário de Andrade só foi bem entendido por estetas, por eruditos, e o seu herói é tão pouco humano e tão artificial quanto o boníssimo Peri, de Alencar. (Rego *apud* Bueno, 2006, p. 62).

À guisa destes fatores, Cattapan (2010) afirma que os modernistas de 1930 tinham, portanto, um projeto estético de literatura definido, que era a negação daquilo que estava pré-definido pelos eruditos de 1922. E, assim, estabeleceu-se enquanto uma prosa moderna, desprendida de arcaísmos, com sua maior característica uma linguagem popular e direta, portanto, consolidada como referência para romances posteriores.

O migrante nordestino assume um papel central nas obras deste momento, como a figura do oprimido, Cattapan (2010) afirma que esta postura é uma resposta dos modernistas de 1930 a figura burguesa que se consolidava enquanto personagem central da literatura produzida até aquele momento.

Outrossim, podemos perceber essas questões ao nos debruçarmos no romance de Rachel de Queiros, essencialmente a fuga de um naturalismo brutal que se mantinha como regra em romances anteriores sobre o Nordeste e o sertão e a dramatização pelo narrador, o drama encontra-se nas situações descritas e não pela estética da narração, que traz em seu bojo:

Desde a véspera Josias adoecera. De tarde, quando caminhavam com muita fome, tinham passado por uma roça abandonada, com um pau de maniva aqui, outro além, ainda enterrados no chão. Josias, que vinha atrás, distanciou-se. Viu o pai descuidado dele, pensando em encontrar um rancho; a mãe, com o menino no quadril, marchava lá mais na frente. Ele então foi ficando para trás, entrou na roça, escavacou com um pauzinho o chão, numa cova, onde um tronco de manipeba apontava; dificultosamente, ferindo-se, conseguiu topar com uma raiz, cortada ao meio pela enxada. Batendo de encontro a uma pedra, trabalhosamente, arrancou-lhe mais ou menos a casca; e enterrou os dentes na polpa amarela, fibrosa, que já ia virando pau num dos extremos. Avidamente roeu todo o pedaço amargo e seco, até que os dentes rangeram na fibra dura. Aí atirou no chão a ponta da raiz, limpou a boca na barra da manga e passou ligeiramente pela abertura da cerca (QUEIROZ, 2012, p. 44).

Sem usar recursos estilísticos para exacerbar a imagem da fome, Queiroz (2012) descreve de forma objetiva e direta o desespero de Josias diante a fome, que sem os pais verem comem a mandioca envenenada que resultaria em sua morte. É a própria cena que dará o tom da dramaticidade, outra questão indispensável para compreendermos o romancista de 1930, o personagem no momento de maior desespero diante a fome não é animalizado,

brutalizado, é descrito com naturalidade, podemos afirmar é humanizado, apesar da desumanização que a fome lhe acarreta, para Cattapan (2010) “a narração restringe-se ao que é essencial para compor a cena, não se perde com a descrição de detalhes irrelevantes.” (p. 104).

Entre as questões que dão autenticidade e originalidade para a literatura regionalista de Rachel de Queiroz, podemos apontar mais alguns pontos. O primeiro é a questão da forte presença do diálogo na narrativa, isto é, o narrador não é uma agente que interfere nas falas dos personagens, eles falam por si. Quiçá, reflexo dessa perspectiva de que a seca é um mobilizador silencioso dos processos, das reações e dos sentimentos dos personagens, logo o falar deles, também narra a história, sem precisar de interferências, portanto, Cattapan (2010, p. 106) afirma que: “o narrador de “*O Quinze*” não participa enquanto agente da história narrada, nem direciona a interpretação dos personagens e acontecimentos com sua intervenção subjetiva, eliminando a mediação de uma voz exterior na construção dos diálogos.”

Não obstante, outra característica muito forte que trouxe renovação para os romances é a questão de vários planos narrativos, em “*O Quinze*”, apontando pelo menos dois principais, o sertão e a cidade, que se ligam pelo deslocamento dos personagens entre estes dois planos, cada qual traz para a narrativa cenas importantes, que nos faz chegar a outra característica, “a narrativa do romance não se faz sobre acontecimentos, mas sobre cenas, conectadas, [...], pelos deslocamentos dos personagens.” (CATTAPAN, 2010, p. 106).

E mais uma vez o forte contraste social é demonstrado dentro da narrativa, dentro dos dois planos, entre idas e voltas, entre buscas e encontros, dos personagens, de um lado os patrões em suas vidas confortáveis e de outro os empregados em suas jornadas miseráveis, todos experimentando a seca, a cidade e o sertão a partir das suas condições materiais, o que evidência ainda mais a desigualdade social. Enquanto os patrões locomoviam-se de trem entre a cidade e o sertão, os empregados iam a pé enfrentando todas as mazelas da longa caminhada (CATTAPAN, 2010).

Ademais, nota-se nessa perspectiva, fundamentalmente quando observada a seca enquanto fator primordial dentro do romance, aquele fator que mobiliza os discursos, que mobiliza os personagens e que traça o destino dos mesmos, permitindo perceber a forma como a seca recai sobre cada um a partir da sua posição social, os mais pauperizados trabalhadores e os patrões, como cada um sente a seca, Cattapan (2010) explana que para os sertanejos desprovidos de propriedade a seca representava a perda de emprego e a migração para fugir da fome e a miséria, para os patrões representavam a perda econômica, suas retiradas para cidade eram confortáveis até que a possibilidade de volta fosse concreta.

Durante toda a obra é apresentado este contraste, numa construção sensível pela autora, o contraste da vivência da seca, da migração, o sertão e a cidade. A cidade enquanto um local abstrato que poderia salvar o sertanejo da sua mazela e que quando alcançada por eles, é vivenciada de forma ainda subumana, por conta da escassez, da separação nos campos de concentração. E depois, colocada objetivamente a contradição entre os sujeitos do sertão com seus valores e formas de vivência com os da cidade, suas implicações ficam evidenciadas para dar maior significado a ilusão que a fuga para a cidade traz aos retirantes (CATAPPAN, 2010).

Apesar da importância da obra analisada pode-se observar a timidez da crítica à questões importantes, como a questão fundiária e a propriedade de terras, como já arrolado anteriormente no trabalho.

Na loja do Zacarias, enquanto matava o bicho, o vaqueiro desabafou a raiva: – Desgraçado! quando acaba, andam espalhando que o governo ajuda os pobres... Não ajuda nem a morrer! O Zacarias segredou: – Ajudar, o governo ajuda. O preposto é que é um ratuino... Anda vendendo as passagens a quem der mais... Os olhos do vaqueiro luziram: – Por isso é que ele me disse que tinha cedido cinquenta passagens ao Matias Paroara!... – Boca de ceder! Cedeu, mas foi mão pra lá, mão pra cá... O Paroara me disse que pouco faltou pro custo da tarifa... Quase não deu interesse... Chico Bento cuspiu com o ardor do mata-bicho: – Cambada ladrona! (QUEIROZ, 2012, p. 29 e 30).

Vê-se uma crítica direcionada a funcionários do governo e não a uma questão estrutural, a propriedade de terras. A crítica individualizada denuncia a perspectiva liberal que permeia o romance, e vê o problema social como uma questão localizada e não estruturante e por isso não propõe mudanças, como a reforma agrária. Além disso, o romance representa uma enorme e significativa mudança nos rumos literários, nos debates políticos e sociais à época, principalmente quando analisamos que Rachel de Queiroz fora a primeira mulher a apresentar uma literatura nesse patamar, fugindo ao que esperava o domínio masculino das artes e os estereótipos de uma literatura romântica e infantilizada ao qual as mulheres eram imputadas.

CAPÍTULO 2: A SECA COMO COISA-PODER EM “O QUINZE” DE RACHEL DE QUEIROZ

2.1 INTRODUÇÃO

No presente trabalho, buscou-se analisar como o evento da seca afetou os personagens e se constitui como agente mobilizador dentro da obra de Rachel de Queiroz. “*O Quinze*” marca a estreia de Rachel de Queiroz como escritora regionalista da segunda fase do modernismo brasileiro, e retratou a grande seca de 1915 no interior do Ceará. A estória é inspirada nas vivências de sua família que à época fugiram da cidade de Quixadá, onde residiam, para o Rio de Janeiro, na tentativa de escaparem das consequências da seca (RIBEIRO, 2012). Nascida em 1910, cinco anos antes dos acontecimentos narrados em seu livro, em Fortaleza, capital do Ceará, Rachel de Queiroz foi professora, jornalista, cronista e teatróloga, que por conta da importância de sua obra tornou-se a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, consagrando-se como uma das mais importantes romancistas do movimento regionalista nordestino e brasileiro.

A década de 1930 urge o modernismo estético debruçado sob as realidades regionais, que buscou caracterizar o ambiente social, cultural e geográfico, mobilizados por meio dos elementos temáticos, os problemas típicos da realidade regional, imprimindo na ficção um papel de disputar as identidades nacionais. Movimento este que proporcionou os ‘romances do Nordeste’ e as “literaturas das secas”, nomes como Manuel Bandeira e Mário de Andrade consagram-se nacionalmente, seguidos de Rachel de Queiroz com “*O Quinze*” (SANTOS, 1998).

Silva (2009) sinaliza para o movimento de construção do herói regional representado nas dimensões da literatura de 1930, que para a autora, torna-se perceptível na sincronia das séries literárias e culturais do momento. A mobilização da relação crítica discursiva da literatura e dos debates científicos, levam os autores da época, a procurarem captar em suas prosas, os temas, costumes, linguagens que caracterizam as várias regiões geográficas do país.

Bosi (1999) em seus estudos apontou para existência de quatro tendências que podem ser observadas nos romances brasileiros, sendo elas: a) romance de tensão mínima: estrutura e paisagem condicionam os personagens que se mantém sujeitos; b) romance de tensão crítica, pressões da natureza e do meio social são enfrentados de forma agonizante pelos personagens; c) romance de tensão interiorizados: a subjetivação dos

conflitos; d) romance de tensão transfigurada: ultrapassa-se os conflitos existencialmente, ocasionando uma transmutação mística ou metafísica. Podemos afirmar que a obra de Rachel de Queiroz, aqui em análise, enquadra-se na segunda tendência, como poderemos observar nas sessões seguinte.

Destarte, a importância da obra “*O Quinze*” se dá pela consolidação da ficção regionalista, a linguagem utilizada pela autora, simples e direta, aproximando-se dos leitores que submergem na representação do linguajar sertanejo. Traz importantes mudanças que seriam seguidas posteriormente por outros autores, principalmente as relacionadas no enfoque às relações humanas e como a seca se configura enquanto agente mobilizador, dos discursos, as realidades dos personagens e a evidência das desigualdades sociais (CATTAPAN, 2010).

À guisa destes fatores, percorre-se os caminhos metodológicos da Ecocrítica, os estudos desta metodologia são ramificações das questões elaboradas pela ecologia, que se consolidaram em diversos campos, tornando-se uma área multidisciplinar, dando vida a outras abordagens de caráter interdisciplinar e transdisciplinar. A Ecocrítica ficou conhecida mundialmente como o “estudo da relação entre literatura e meio ambiente” (PINTO; MAGALHÃES, 2013), constituindo-se enquanto instrumento de metodologia de análise do meio ambiente, por meio dos estudos literários.

Apesar de suas ideias já existirem desde os anos 1970, sob a terminologia *ecocriticism*, termo cunhado por Robert Rueckert, é a partir da década de 1990 que a metodologia toma força, quando foi institucionalizada como disciplina em uma universidade dos Estados Unidos da América. Posteriormente, foi objeto de debate e reflexão em simpósios (PINTO; MAGALHÃES, 2013). Consolidada essa metodologia, ela passou a ser reconhecida como método para análise dos aspectos ambientais nas produções artísticas ou não.

Não obstante, é importante que as definições da Ecocrítica ultrapassem as concepções de que a mesma seja somente ambientalista. Para Garrard (2004) ela é um modo de análise que carrega em seu bojo uma característica política, as análises desenvolvidas pelos ecocríticos estará imbricada pela agenda moral e política da sustentabilidade, do “verde”. O autor defende, ainda, que a medida em que se consolida e expande as análises por meio dessa metodologia, possibilitando crítica ao mundo que vivemos e experienciamos, melhor compreendemos que as negociações da natureza e cultura se articulam para além das relações humanas, estendendo-se às influências dos não-humanos, impulsionando uma crítica ao próprio conceito de “humano” (GARRARD, 2004).

Portanto, a Ecocrítica resguarda-se ao lugar de metodologia de análise dos fenômenos e seus atravessamentos que rebatem diretamente nas relações sociais. Em nossas reflexões, está um espaço geopolítico carregado de personalidade, que se entrelaça com uma história cultural, e constrói um processo de subjetivação de um povo. O Nordeste, descrito por Freyre (2013), como um local que a partir de suas características próprias, entre qualidades e flexibilidade, instalou-se um processo de desenvolvimento ligado à cana-de-açúcar, diferente dos processos em outras localidades. E a seca, que a partir de Cattapan (2010), observando-a como agente mobilizador, dentro da estória de Rachel de Queiroz.

Interessa-nos essa percepção de a seca não é só como pano de fundo da estória, mas uma força que dita destinos, expõe as diferenças socioeconômicas, mobiliza anseios e angustias. Força enquanto “capacidade das coisas inanimadas de animar, atuar, produzir efeitos dramáticos e sutis” (BENNETT, 2010, p. 06). A autora definiu a coisa-poder, também entendido como força, enquanto um interveniente, que é aquele objeto ou evento, humano ou não, que está num local, e exerce sua influência, articulando e produzindo efeitos, catalisando outros eventos, enquanto uma força decisiva.

Bennett (2010) utilizou o termo actante, para definir especificamente essa questão, isto é, essa força enquanto agente mobilizador. É a percepção de que as coisas estão vivas por serem auto organizadas, quebrando o paradigma de que elas são passivas e sujeitadas aos homens e suas capacidades de movê-las de um lado para o outro. Ideias fundamentais para a discussão aqui em tela, que coloca a materialidade das coisas em uma relação horizontal e sensibiliza o debate para as questões ecológicas.

Para a autora, os actantes tem uma ação dentro de uma rede colaborativa de muitos corpos e forças. Essa rede colaborativa em Bennett (2010) concede aos corpos actantes um poder, que a autora descreve como uma assembleia heterogênea. Ela não é localizada ou engessada, ela se distribui num campo ontologicamente heterogêneo. Essa agência confederada, constitui-se de muitos micros e macroactantes, tidos em sua teoria como esforçados.

Nesse sentido, o presente trabalho será dividido em três partes importantes: a) buscaremos apresentar um balanço dos referenciais teóricos que analisam e evidenciam a agência dos não-humanos na literatura, especificamente para o fenômeno da seca; b) evidenciar dentro da obra como a seca manifesta essa sua agência; c) analisa-la a luz do referencial teórico aqui apresentado e conclusão dos debates e análise levantados no corpo do trabalho.

2.2 - A seca como coisa-poder

Ao refletir a agência das coisas debruçando-se sobre uma mudança ontológica que traz novas perspectivas para uma análise social. O entendimento a partir dessa nova ontologia, considera os contextos espaciais e temporais que se compõem de uma complexidade de práticas da atividade humana, organizada e carregada de uma cultura com regras, normas, em uma coalização humana e não humana, englobando artefatos, organismos e coisas tidas como “da natureza” (SILVA, 2018).

Essas questões dialogam diretamente com os estudos de Bennett (2010), que apontou justamente uma ruptura com padrões de pensamento que refletem de forma geral as coisas como inertes ou passivas à ação humana. A autora resgatou filósofos importantes para a virada socio materialista e apresentou uma nova perspectiva de características ontológicas a partir da noção de coisa-poder. A coisa-poder provém da ideia de que todas as coisas, sejam orgânicas ou inorgânicas são matéria vibrante, ou seja, se manifestam como força viva, no sentido de tocar/afetar outras coisas ou humanos, induzindo sensações, sentimentos e efeitos materiais, sejam dramáticos ou sutis (BENNETT, 2010). Nesse caso, uma coisa-poder não é algo que apenas bloqueia e atrasa as intenções e planejamentos humanos, mas possui trajetórias próprias forçando efeitos contingentes que se manifestam em processos materiais e políticos diversos. O materialismo vital de Bennett é entendido por alguns autores como uma ontologia da força, já que a dicotomia sujeito-objeto é substituída pela noção de eventos que se constituem de emaranhados de processos materiais que se atravessam, se sobrepõem e fortalecem e/ou enfraquecem uns aos outros ao perfazerem o mundo (LUPTON, 2018; VITAL, 2019; GAMBLE et al., 2019; RESTOFE, 2022).

Ao passo que a história contou a sobreposição dos seres humanos sob as coisas, essa nova perspectiva analisa como a coisa resvalam os humanos, denunciando uma relacionalidade entre um e outro. Logo, horizontalizam essas relações e mune as coisas de um papel fundamental no mundo, como agente vibrante (BENNETT, 2010). O que significa dizer que as coisas aqui não se reduzem aos contextos articulados pelas disposições humanas. Elas se alimentam dentro de sua vitalidade ou contextos próprios. Para Silva (2018) essa perspectiva reforça uma ruptura com os limites entre sujeitos e objetos/coisas, desprivilegiando a categoria humana sustentada na genealogia do homem calçada no humanismo. Para autora, as interações humanas com os objetos/coisas têm uma natureza material, que sinaliza uma agência entendida como a capacidade de fazer ou deixar de fazer.

Outrossim, Bennett (2010) apontou o curso das coisas que dependem unicamente de sua materialidade vital continuada, apesar de descartada ou indesejada por humanos. E, então, qualquer coisa tem a capacidade de animar, de agir, de produzir efeitos dramáticos e sutis. Por fim, a autora resgatou Bruno Latour em sua teoria dos actantes, aquilo que age e sua ação produz efeitos em outras coisas, com ou sem implicações humanas. Aquilo que intervém, partindo de sua localização, isso é, tempo e espaço, impele a ação, faz as coisas acontecerem, sendo um catalisador de eventos ou uma força decisiva.

Claramente observa-se estes fatores na obra de Rachel de Queiroz (2012, p. 39, grifo nosso) na passagem “E se não fosse uma raiz de mucunã arrancada aqui e além, ou alguma batata-brava **que a seca ensina a comer**, teriam ficado todos pelo caminho, nessas estradas de barro ruivo, semeado de pedras, por onde eles trotavam trôpegos, se arrastando e gemendo.” A seca aparece aqui como agente mobilizador dos atos alimentares dos retirantes, um actante que intervém e faz com que eles reaprendam a comer para continuarem o percurso. Ou seja, a seca produz um efeito, fazendo as coisas acontecerem.

Buriti e Aguiar (2008) sinalizaram as secas prolongadas como responsáveis por mobilizar homens e mulheres a desenvolverem características múltiplas que asseguraram suas sobrevivências, em meio as especificidades climáticas. Taddei (2014), por sua vez, sinalizou para existência de uma ecologia emocional, que se articula pela seca enquanto agente político, mobilizador de enredamento de todos os outros sujeitos e estimula ações e processos. A perspectiva dos actantes é perfeitamente aplicável, quando entendemos que eles podem ser uma força humana ou não, mobilizadas ou não por humanos, e neste caso, os dois polos podem ser observados:

[...] que essa migração não se deu, exclusivamente, por conta de fatores climáticos ou da seca. **Ela se calcou, também**, nos regimes de centralização da propriedade dos recursos hídricos por parte de uma elite secular que comandava as relações de mando locais e a sucessão política ao nível dos Estados. (BURITI; AGUIAR, 2008, p. 13, grifo nosso)

O advérbio “também” deixa evidenciado que a seca mobilizou e foi mobilizada, ou seja, munida de capacidade agêntica, expressa “uma gama mais ampla de tipos ontológicos” (BENNETT, 2010, p. 9). Lembre-se que os actantes agem em redes colaborativas, articulando muitas forças e corpos. Portanto, essas questões quando analisadas na obra de Queiroz (2012) observa-se que a agência da seca é reforçada pela agência de outros corpos actantes, como o rio que mingua e anuncia a seca, causando

sentimentos; a fome que maltrata e causa pena e o sol que imprime na pele a identidade de flagelados. Essa rede colaborativa concede aos corpos actantes um poder, descritos como uma assembleia heterogênea. Ela não é localizada ou engessada, ela se distribui em um campo ontologicamente heterogêneo.

Albuquerque Junior (2017) em seu trabalho tratou a seca como um conceito que possui historicidade. Defendeu que o conceito é um recorte que fazemos pelo uso da linguagem e que reúne um conjunto “gráfico e sonoro” (p. 227) em uma multiplicidade de imagens. Essa multiplicidade de imagens reúne figuras articuladas, por sua vez, “para dados tempos e para dados acontecimentos” (p. 227). É o conceito enquanto acontecimento, composto por elementos heterogêneos, um “produto da articulação e da sedimentação de camadas de sentidos, de afetos e de percepções, é uma criação heteróclita quanto aos tempos e aos elementos que o compõem” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2017, p. 227).

Há, assim, uma soma de questões que se relacionam e se retroalimentam, constroem uma assembleia e polos de poder (BENNETT, 2010), e dão características a essa área brasileira, construindo-a como potencialmente zona de desertificação. Algumas são fundamentais, como o desmatamento da zona semiárida e as características climáticas do bioma em específico, que somado a ação da seca que ao impor intensas temperaturas degradam o solo, tornando-o salinizado (BURITI; AGUIAR, 2008).

A seca é um actante, que se soma a ação humana de desmatamento das zonas semiáridas, que agem também como actante (BENNETT, 2010) e desencadeia consequências à força humana. Ela mobiliza a cultura local, os sentimentos, os dramas, a ação política da oligarquia dominante. Contudo, como matéria vibrante ou uma coisa poder, a seca ultrapassa as ações e a intencionalidade humana, podendo ser aprofundada se somada a outros polos de poder, como explicado anteriormente.

Por exemplo, Aguiar e Buriti (2008, p. 10) destacam:

[...] os desmate e desflorestamento intensivos para ampliação de áreas agrícolas e de pastagem; o uso intensivo do solo; o desrespeito a capacidade de suporte animal nas pastagens nativas e artificiais; a presença acentuada de processos erosivos e assoreamento de cursos d'água e mananciais e o surgimento de núcleos de salinização.

É perceptível que a ação humana aqui não parte da intencionalidade de causar a seca. Nesse caso, mesmo a seca sendo um fenômeno não-humano como consequência de ações humanas, é um efeito inesperado ou indesejado. Mesmo que a ação humana parta de princípios racionais que tentam prever o resultado dos processos, há sempre algo de

contingente nos efeitos desses processos, além de questões que fogem do escopo de uma racionalidade científica (BENNET, 2010). O trabalho dos sertanejos pobres e o enriquecimento dos donos de fazenda, bem como a salinização e a seca, são efeitos que fogem a qualquer racionalidade técnica, estando no escopo de contingências, efeitos não-esperados, de fortalecimento de posições políticas e enfraquecimento de determinados agentes no espaço público (OLIVEIRA, 2022).

Dentro dessa perspectiva analítica, a seca é um evento, uma matéria vibrante, que ganha força a partir da ação humana, mas não depende da sua intencionalidade. Um efeito imprevisto nas ações que o produziram de forma não intencional. Bennett (2010), reforçou a interpretação de Bruno Latour que define esse movimento como uma contingência, descrição da eficiência particular da ação, que emerge e ultrapassa os inúmeros fatores que estão em sua origem.

2.3 - A força da seca em “*O Quinze*”, de Rachel de Queiroz

Na obra de Rachel de Queiroz, a seca se manifesta como um evento na vida dos personagens, uma coisa poder que impacta em todas as esferas da vida humana. Esse impacto pode ser vislumbrado desde a alimentação, passando pelos modos de vida e na tomada de decisões que se alinham ao trauma dos significados, planos e intenções pautados na racionalidade e nos sonhos individuais. A estória gira em torno do vaqueiro Chico Bento e sua família de retirantes, bem como do relacionamento entre os primos Conceição (uma professora) e Vicente (um pecuarista dono de terras), ambos vindos de família tradicional (QUEIROZ, 2012). São 21 personagens ao todo que, de alguma forma, sofrem as consequências da seca, expondo as múltiplas dimensões da catástrofe (RIBEIRO, 2012; FREITAS, PADILHA, 2020). O próprio nome “*O Quinze*”, relaciona-se com a grande seca de 1915 e os seus efeitos na vida de cada um dos personagens e na paisagem (ARAÚJO, ANSELMO, 2009).

Observa-se na passagem a seguir, a seca como actante, mobilizadora:

— **Ela não quis tratar do gado mode a seca**, e mandou abrir as porteiras... E eu fiquei sem ter o que fazer. A morrer de fome lá, antes andando...

O delegado quase deixou cair o cachimbo, num assombro:

— Não diga isso, compadre, não é possível! **Deixar morrer aquele gadão todinho**, sem mais pra quê!

— Pois mandou soltar no dia de São José! Eu ainda esperei obra duma semana... (QUEIROZ, 2012, p. 49, grifo nosso)

Apesar da constatada qualidade do gado, a ação da seca mobilizou a decisão de Dona Maroca, proprietária da fazenda. Aponta-se uma ação ou agência humana individualizada por parte de Maroca, ela decide soltar o gado, assim impondo o destino de Chico Bento e sua família. Contudo, em uma análise residual individualista, desconsiderando as capacidades agênticas em nossa perspectiva analítica. É relevante compreender o exspecto dos acontecimentos, para além das limitações dos corpos humanos e campos intersubjetivos que tecem a rede colaborativa de materiais vitais e o “humano-não-humano” (BENNETT, 2010, p. 30).

Para a autora:

O materialista vital deve admitir que diferentes materiais, compostos de diferentes conjuntos de protocorpos, expressarão diferentes poderes. Os seres humanos, por exemplo, podem experimentar a si mesmos como formadores de intenções e como se distanciar de suas ações para refletir sobre elas. Mas mesmo aqui pode ser relevante notar até que ponto a reflexividade intencional também é um produto da interação de forças humanas e não humanas (BENNETT, 2010, p. 31, tradução nossa).

Sarmento e Moura (2022) analisaram que as transformações da paisagem do semiárido mobilizam pelo menos quatro polos: vida e morte, cooperação e competição, sentidas pelo sertanejo flagelado, mas também pelo ambiente que absorvem mutuamente as emoções e flagelos de uma vida em meio a caatinga, marcada pela seca. Para Buriti e Aguiar (2008) apesar de toda essas emoções negativas assimiladas, os sertanejos não mantinham um sentimento de desprezo por sua terra e assumir a identidade de retirantes se dava de forma compulsória.

Veja: “Sem legume, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie, não havia de ficar (o gado) morrendo de fome, **enquanto a seca durasse**” (QUEIROZ, 2012, p. 21, grifos nossos); é a seca o actante: “Enfim caiu a primeira chuva de dezembro” (QUEIROZ, 2012, p. 73); “E tudo era verde, e até no céu, periquitos verdes esvoaçavam gritando. O **borralho cinzento do verão vestira-se todo de esperança**” (QUEIROZ, 2012, p. 79, grifos nossos).

A matéria vibrante com seu poder de agência, detém um conjunto de termos que se correlacionam e engendram seus efeitos. São eles, eficácia, trajetória e capacidade de fazer algo acontecer ou criar algo novo. Essas questões fogem da pretensão dos sujeitos, eles não são a raiz do efeito, há sempre em jogo, uma variável de vitalidades (BENNETT, 2010). É importante esclarecer, que dentro da teoria da matéria vibrante, não se desconsidera o que se chama de intencionalidade dos sujeitos, no caso aqui em específico, aqueles que imputam ao ambiente do sertão práticas que colaboram para o surgimento da seca, mas leva-se em consideração as conexões existentes entre os efeitos.

Neste contexto, analisando a capacidade de criar algo novo que urge da agência dessas matérias vibrantes, podemos perceber a criação do sujeito retirante e flagelado. Como observa-se:

Nesse sentido, entendemos que o movimento migratório deve ser compreendido não apenas como uma forma de fugir das secas e da natureza “hostil” e “adversa”; tal mobilidade foi provocada por um sistema que marginalizava os homens livres pobres, uma vez que, apenas eram aproveitados, residualmente, pelo monopólio da propriedade da terra, pelo grande latifúndio e pela presença da mão-de-obra escrava. Migrar seria, em última instância, dizer não à situação em que se vivia, não se conformar a ela, resgatando sonhos e esperanças de uma vida melhor ou mesmo diferente (BURITI; AGUIAR, 2008, p. 18).

Apesar da ação do homem, os latifundiários, ser um evento importante dentro dessa realidade, ela não é a única força que atua na construção de efeitos. Isso fica evidenciado quando analisamos o fragmento anterior, onde Chico Bento conta que Maroca soltou o gado, mas não coloca a sua decisão de retirante enquanto fruto da ação da patroa, mas sim, no fato de que a seca ocasionou a falta de alimentos, a fome e a necessidade de irem atrás da sobrevivência. Percebemos aqui a relacionalidade de múltiplas forças agênticas, Maroca é uma força agêntica, desencadeada pela seca, que se consagra enquanto agência maior. Assumir a força actante de um fenômeno como a seca, não desresponsabiliza a ação humana, as oligarquias e seus egoísmo aqui em voga, mas não são únicos e os mais fortes actantes nessa ação.

Sarmento e Moura (2008) sinalizam para uma conflituosa relação nas imbricações tragas na literatura de Queiroz (2012) que aponta a clareza de como a cultura local dos sertanejos se relaciona diretamente com as questões da natureza, ocasionando um sentimento ambivalente, entre topofobia e topofilia. Dentro de uma leitura ecocrítica, fica evidenciado um deslocamento dos humanos enquanto únicos responsáveis por mobilizar e agir sobre as situações (GARRARD, 2004).

Nota-se uma ruptura com o paradigma naturalista que alocou a natureza dentro de princípio e leis, que ao serem dominados em sua totalidade pelos homens, estes se tornariam donos dela. A perspectiva ecocrítica apresenta uma análise crítica sobre esse paradigma, analisando que elas são reducionistas e que resvalam uma ideia totalizante do mundo e da natureza. Apontam que essas perspectivas reduzem a natureza a uma lógica racional, que garantem que dentro de uma ordem capitalista, a natureza seja subjugada pelo homem (GARRARD, 2004).

Garrard (2004) teceu considerações importantes acerca destas questões, apontando que uma perspectiva que idealize a natureza, pode desresponsabilizar os

humanos de sua ação ecocida. Propondo que a Ecocrítica, pode reconhecer o poder agêntico da natureza, ao mesmo tempo que não assumimos uma perspectiva que apague a história social e política da natureza, chamando para a responsabilidade de “promover, em vez disso, uma poética da responsabilidade que leva a ciência ecológica ao invés do panteísmo como seu guia” (p. 71, tradução nossa).

À guisa destes fatores, fica evidenciado uma perspectiva relacional entre humanos e não-humanos onde a cultura humana é afetada pelo meio ambiente, e as mudanças impostas pelo homem a ele, também os afetam. Uma das dimensões mais fundamentais defendidas por Garrard (2004), é que o Oeste dentro do campo semântico e análise norte americana, foi um espaço também idealizado, assim como o sertão brasileiro, enquanto espaço de tradicionalidade. Essas questões sustentaram-se na percepção de que este espaço estava ligado, ora como espaço mistificado, ora como possibilidade de construção de uma identidade brasileira, mas dentro da análise ecocrítica o sertão, ou a natureza selvagem, é um espaço onde se manifestam as lutas de classes e de gênero.

Essas questões ficam evidenciados quando percebemos que a família de Chico Bento representa o não-poder, e a família do vaqueiro Vicente e da prima Conceição enquanto polos do poder oligárquico. Mas fundamentalmente, em como a agência da seca traz consequências para cada um, reforçando ou enfraquecendo as posições de ambos os polos.

Dentro deste cenário, várias forças actantes agem de forma a impor consequências aos sujeitos que experienciam a localidade do Sertão brasileiro, a seca, a fome, o sol, o solo, os animais que morrem, a mandioca venenosa. Bennett (2010) chamou isso de uma ecologia de interconexões, conceito que diferencia esses actantes de ações mecânicas, colocando-os em uma ordem que está sendo sempre retrabalhada, que dependem unicamente da manifestação própria dos actantes já supracitados.

Uma dimensão fundamental é a impossibilidade de apresentar uma ordem hierárquica fixa destes actantes, pois elas não exercem o mesmo tipo de agência. A autora, considerou que ao antroporformizar uma força actante, como a seca, dentro do materialismo vibrante, podemos enxergar mais profundamente um mundo complexo de ecos e similitudes, que extrapolam os limites da hierarquização do mundo. E permite constatar isso quando percebemos que o narrador em “*O Quinze*” é a seca, ela narra a dura vida dos retirantes, ao passo que vai agindo sobre suas vidas.

Bennett (2010) apontou que a agência só pode ocorrer dentro de um campo onde outros agentes atuam, uma interação, essa ecologia política reúne uma gama de

iniciativas, onde cada uma carregam suas especificidades, que se combinam e ganham forças juntas. Como podemos perceber na passagem:

Sentado na salinha da rua de São Bernardo, o velho chapéu entre as pernas, uma tira áspera de cabelos envesgando os olhos, Chico Bento conversava com Conceição e a avó sobre o futuro, o seu incerto futuro **que a perversidade de uma seca entregara aos azares da estrada e à promiscuidade miserável dum abarracamento de flagelados.** (QUEIROZ, 2012, p. 55, grifo nosso).

Percebe-se pelo menos três actantes, a seca que deixa o futuro do personagem incerto, a estrada e o abarracamento (Campo de Concentração) que fortalece o sentimento de desespero do personagem. O governo do Ceará para evitar a chegada de milhares de flagelados da seca em Fortaleza decidiu construir campos de concentração para impedir a chegada dos retirantes à capital. Esses campos eram vigiados por soldados e cercados por arame farpado, que eram dispersados após acordo para que migrassem para a Amazônia. Esses eventos se repetiram nas décadas seguintes a cada grande seca (GARFIELD, 2013). Assim, a seca, congregada à interesses políticos na capital do Ceará e também à mobilização dos retirantes, formava um outro evento de onde reforçava a fome e a miséria. Mas, na sequência da cena, o próprio personagem revela outros eventos que se fazem actantes:

Tristemente contou **toda a fome sofrida e as consequentes misérias.**

A morte de Josias, afilhado do compadre Luís Bezerra, delegado do Acarape, que lhes tinha valido num dia bem desgraçado! — a morte do Josias, naquela velha casa de farinha, deitado junto de uma trave de aviamento, com **a barriga tão inchada como a de alguns paroaras quando já estão para morrer...**

E aquele caso da cabra, em que — Deus me perdoe! — pela primeira vez tinha botado a mão em cima do alheio... E se saíra tão mal, e o homem o tinha posto até de sem-vergonha, e ele tão morto, tão sem coragem, que o que fez foi ficar agachado, aguentando a desgraça... (QUEIROZ, 2012, p. 55).

Para Bennett (2010) num mundo de matérias vibrantes somos uma confederação heterogênea de corpos. Para isso é importante considerar que dentro de um campo ontológico, não existiriam demarcações sem erro que distingue humanos e não-humanos, animais e vegetação, todos eles são vivos e assumem sua força, no nosso caso a seca, a fome, o solo, o Campo de Concentração. Portanto, dentro do jogo de matérias vibrantes essas forças “coexistem, hospedam, desfrutam, servem, consomem, produzem e competem”. (p. 117). Outrossim, a autora defendeu que “A fonte dos efeitos é, antes, sempre um conjunto ontologicamente diverso de energias e corpos, de corpos simples e complexos, do físico e do fisiológico” (p. 117).

CAPÍTULO 3: A SUBJETIVIDADE DAS ESCOLHAS IMPOSTA PELA COISA-PODER SECA

3.1 INTRODUÇÃO

O presente capítulo tem por objetivo analisar três eixos importantes dentro da obra de Rachel de Queiroz, são eles: classe social, gênero e valores éticos dos personagens e como estes fatores são mobilizados/potencializados pela seca. Compreende-se aqui que estes três elementos mantêm uma relação de interseccionalidades (AKOTIRENE, 2018; KYRILLOS, 2020; COLLINS & BILGE, 2020), ao passo que a seca vai determinando destinos é possível visualizar como fatores como os supracitados vão, dentro de uma coalizão, construindo essas histórias.

O romance de Rachel de Queiroz nos leva à uma viagem dolorosa e triste, onde junto ao narrador o leitor pode explorar as consequências do fenômeno da seca de 1915 para os sertanejos. O romance divide-se em dois planos, o primeiro voltado para a extenuante vida de retirante de Chico Bento e sua família, depois que sua patroa manda soltar o gado e tomarem seu rumo, haja vista, a falta da chuva e as consequências da seca para as famílias de latifundiários. A história vai se desenrolando entre as estradas tomadas pela família de Chico Bento em sua peregrinação rumo a Fortaleza – CE, Quixadá – CE onde encontra-se Vicente e na própria capital onde mora Conceição (QUEIROZ, 2012).

3.2 – Classe social no sertão cearense diante da seca

A seca como um fenômeno que desempenha o poder de articular sentimentos, de tristeza, esperança, desesperança, humilhação e de desterritorialização, é trabalhado no romance sempre a partir dos antagonismos de classe social existente entre os personagens, as primeiras passagens já dão o tom da narrativa e evidenciam essas diferenças (OLIVEIRA, 2022). Enquanto Chico Bento, é obrigado a soltar o gado e deixar morrer, pela patroa, dando início ao seu processo de desterritorialização e aprofundamento da pobreza e desgraças enfrentadas no percurso até o Campo de Concentração (QUEIROZ, 2012). Vicente recusa-se a abandonar seus animais, sua fazenda e tece comentários sobre não abandonar seus funcionários, que é seguido de crítica a Chico Bento, dando a entender que lhe falta o espírito sertanejo de apego a terra (QUEIROZ, 2012).

Em algumas passagens, a seca é trabalhada de forma a dar materialidade aos sentimentos, muitos destes novos, que o homem sertanejo visto como duro e pouco sentimental vai começando a experimentar, como na passagem a seguir: “Depois olhou um garotinho magro que, bem pertinho, mastigava sem ânimo uma vergôntea estorricada. **E ao dar as costas, rumo à casa, de cabeça curvada como sob o peso do chapéu de couro, sentindo nos olhos secos pela poeira e pelo sol uma frescura desacostumada e um penoso arquejar no peito largo**” (QUEIROZ, 2012, p. 12, grifos nossos).

Mas não só nas subjetividades Rachel de Queiroz trabalhou em seu romance, a discrepância entre a população pobre e latifundiária é uma das linhas que vai costurando o romance. Materializado em passagens como “Afastaram-se para o curral. Marchando ambos de par, **junto da robustez desempenada de Vicente, o vulto curvado de Chico Bento parecia mais corcunda e mais triste, como uma interrogação lastimosa.**” (QUEIROZ, 2012, p. 14, grifos nossos), demonstrando que apesar das consequências do poder da seca, atingir a todos, atingira de forma diferente a depender da classe social e as possibilidades de cada um.

A autora desde as primeiras linhas, sutilmente antecipa a construção narrativa ao utilizar Chico Bento e sua família como representação da classe trabalhador a, cuja ligação com a terra não se traduz em propriedade. Dona Maroca e Vicente, por outro lado, personificam os latifundiários, a classe dominante que detém o poder no sertão brasileiro retratado na obra. A estrutura social subjacente, ancorada na posse da terra, serve como um elemento latente que a autora desvela ao longo de sua obra.

A pobreza, da estrutura produtiva, é exacerbada pela intervenção impiedosa da seca. Chico Bento e sua família, vítimas desse processo, enfrentam a desterritorialização, transformando-se em retirantes em busca de meios de subsistência, transformando-se em retirantes em busca de meios de subsistência. Enquanto isso, os ricos e proprietários buscam refúgios no litoral, aguardando a tão sonhada chuva que simboliza não apenas a renovação a terra, mas também a perpetuação das desigualdades sociais (OLIVEIRA, 2022).

Nesse panorama, a obra não apenas descreve a dura realidade da vida no sertão, mas também denuncia a injustiça estrutural que marginaliza e empobrece a classe trabalhadora, enquanto a elite mantém sua posição privilegiada. O simbolismo da seca e da migração forçada ressalta a complexidade das questões sociais e econômicas abordadas pela autora, proporcionando uma visão penetrante das disparidades no contexto brasileiro da época.

Câmara e Câmara (2015) apontam que a economia nordestina, desenvolve-se a partir do processo de ocupação territorial brasileiro, e estivera embasada nos processos produtivos da agricultura e pecuária, como podemos visualizar a partir da obra em voga. Para além disso, os poderes oligárquicos eram reforçados diante da condição de miserabilidade que se aprofundavam a partir da seca, mantendo vivo o centro nevrálgico das oligarquias, a relação clientelista e paternalista, como podemos observar na postura de Vicente que numa ação de benevolência (clientelista e paternalista), compra as reses restante de Chico Bento e faz lobby com o valor solicitado pelo vaqueiro para conseguir comprar mais barato, fazendo uma troca inclusive, por um burrinho que acompanhasse o retirante na viagem.

Em outro momento, Vicente em roda de conversa, traz à tona mais evidências de como classe é articulada dentro da obra, questionado sobre o capital investido para manter vivo o gado diante a seca, ele responde que caso vivam até a chegada da chuva lhes trariam grande lucro, mas caso morressem, ele que tivesse paciência (QUEIROZ, 2012).

O Estado burguês que se consolidava à época, foi usado pelas elites locais como instrumento para fortalecimento de seus poderes e enriquecimento (JALES & TEIXEIRA, 2023). Sendo essa, mais uma evidência de como classes sociais são mobilizadas dentro da obra e como essas relações eram articuladas a partir das consequências do poder coisa da seca, essa situação pode ser observada nas passagens em que Chico Bento descobre que as passagens de trem disponibilizadas pelo governo, estavam sendo vendidas para latifundiários por agentes do governo, que as destinavam a seus amigos e trabalhadores próximos.

Outrossim, visualiza-se essa situação em como o governo agiu com os flagelados da seca, retirando-os dos centros da cidade de Fortaleza e os alocando em um centro aos arredores da cidade, a fim de, responder os interesses das elites que visavam a construção de uma cidade aos moldes da *Belle Époque* (ESTEVES, 1989). Ou seja, o estado é instrumentalizado para garantir que os interesses das classes dominantes, seja nos rincões do estado ou na capital fossem atendidos. Melo (2020), sinaliza que as elites locais transformaram a crise climática em armas para conseguir recursos do estado, que no discurso serviriam para socorrer os flagelados da seca, mas na verdade eram desviados para outros objetivos.

Além disso, aponta-se que a partir da seca, o discurso historicamente mobilizado sobre o sertão, que mobilizou dois polos semânticos, o da modernidade versus o atraso, também foram utilizados pelas elites no intuito de naturalizar uma visão histórica do nordeste brasileiro, com intuito de esconder a realidade das tramas que constituiu uma

elite oligárquica latifundiária, a despeito de trabalhadores rurais (MELO, 2020) que tiveram suas duras realidades aprofundadas pela seca.

Em muitas passagens Chico Bento é levado a usar de sua única propriedade, a força produtiva, em trabalhos precários na tentativa de sobreviver (QUEIROZ, 2012). Como os pequenos trabalhos no caminho para Fortaleza e na própria capital quando fora trabalhar no açude que o governo criara para tentar amenizar os efeitos da seca. Nesse sentido, afirma-se que mesmo quando buscavam constituir uma identidade brasileira ligada ao sertão e a sua tradição, o interesse estava condicionado a manutenção das elites locais, o resgate de seus passados prestigioso e aristocrático (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2012).

Elementarmente, pode-se analisar que as elites locais, apropriaram-se do território e o transito dos personagens donos de terras, como Vicente, as irmãs, Conceição e as senhoras mais velhas, entre litoral e o sertão, demonstram que mesmo afetados pela seca, eles detinham o poder político, econômico e subjetivo da terra, questão que pode ser evidenciada quando Chico Bento e a família já não mais citados no texto, a expropriação de sua pertença ao território, a sua tradicionalidade e raízes serve como pano de fundo para a análise em voga, como pode ser observado no trabalho de Haesbaert (2004) sobre a questão da multiterritorialidade.

Igualmente, a dicotomia discursiva apontadas acima servira no processo histórico, em que as classes sociais, disputam subjetiva e materialmente, a pertença ao espaço do sertão, como objeto de minimizar a realidade da concentração de terras e águas e a dominação do território por uma elite aristocrática, latifundiária e religiosa que se mune de uma roupagem benevolente e vai mantendo seu poderio político e sob os corpos afetados pelo poder da seca.

3.3 - Gênero e raça, numa leitura interseccional, diante da seca

Utilizando-se dos conceitos da interseccionalidade analisa-se as várias corporalidades trabalhadas dentro da obra de Rachel de Queiroz, Cordulina, Mocinha, Conceição e as irmãs de Vicente representam realidades distintas afetadas pela seca. Akotirene (2019), aponta que o conceito da interseccionalidade nos garante a possibilidade de compreender como as opressões estruturais, gênero, raça e classe, coalizam-se e interagem nas tramas sociais, marcando os sujeitos vulnerabilizados dentro desse sistema de opressões interligadas.

Feitas as considerações pertinentes e necessárias para a compreensão das perspectivas epistemológicas que permitirão perceber e analisar as várias corporalidades e realidades das personagens da obra, passe-se a análise a partir dos excertos. As diferenças de classe trabalhadas a partir da seca, são evidenciadas ao lançar-se luz sobre questões de gênero que constituem as linhas que costuram o romance, podendo ser observadas em vários planos, mas, sobretudo, entre Cordulina e Chico Bento, o sentimento de desespero da mulher que antecipa a saudade de sua terra e a agonia da desterritorialização, pouco é levado em consideração quando o marido decide rumar-se para a capital com o objetivo de, posteriormente, chegar a Amazônia.

Principalmente em se tratando de como esses novos sentimentos, práticas e modos vão aparecendo conforme a ação da seca, como na passagem, em que Chico Bento retorna bêbado da tentativa de conseguir as passagens de trem que o governo vinha disponibilizando rumo a Fortaleza (QUEIROZ, 2012).

Observa-se aqui muito evidenciado as relações de gênero que vão se acentuando à medida que a ação da seca interfere nos destinos e rotas de vivências. Ao passo que o destino miserável de Chico Bento e família desponta para a estrada que os maltratará de forma terrível e articula a prática da bebida no personagem, que não conseguiu as passagens para o trem que leva os retirantes para a capital do estado, Conceição e Dona Inácia se preparam para a viagem tranquila no automóvel, depois da moça conseguir convencer a senhora da necessidade da viagem, uma vez que em breve quando “a perspectiva alarmante de um assalto, ali, naquele fim de mundo, quando a miséria da seca enlouquecesse as criaturas...” (QUEIROZ, 2012, p. 17).

Quando analisamos as encruzilhadas epistemológicas de Gonzalez (1981), entende-se que a imagem de Cordulina é uma construção histórica da mulher negra ou racializada a partir do sistema escravagista brasileiro. Definida assim a partir da análise de Cruz (2021), sobre a visão de Gilberto Freyre sobre as mulheres negras em sua obra *Casa Grande & Senzala: um olhar crítico a partir da perspectiva negra*. Uma construção do imaginário social de mulheres negras como as mães-preta que nas senzalas apoiavam incondicionalmente seus homens que vinham cansados da roça e na casa grande serviam como mucamas (CRUZ, 2021). Muitas vezes mestiçadas pelo processo de estupros dos senhores de engenho e violentadas fisicamente pelas sinhazinhas motivadas pelos ciúmes que sentiam de seus homens.

Logo, as desigualdades sociais, raça e classe, vividas pelas mulheres na obra, que vão sendo aprofundadas a partir da seca, vão também evidenciando essas corporalidades e a interseccionalidade das opressões. Cordulina, a mãe que cuida da casa e dos filhos e

Conceição a mulher branca, estudada e benevolente, são dois polos fundamentais na história. Enquanto, a mulher branca Conceição preocupa-se em não cair nas armadilhas do patriarcado e da dependência ao homem, Cordulina amarga a dureza da estrada, do luto ao perder o filho “Lá se tinha ficado o Josias, na sua cova à beira da estrada, com uma cruz de dois paus amarrados, feita pelo pai.” (QUEIROZ, 2012, p. 27).

Diante tanta expropriação, ela também é expropriada ao direito ao luto, pois tinha que seguir viagem. E depois além da expropriação territorial, de sua identidade sertaneja, é também expropriada do direito à sua maternidade. Sob as consequências da seca, Cordulina vai perdendo a capacidade de chorar, mesmo diante a desgraça da expropriação do seu direito à maternidade depois de deixar dois filhos na estrada, um morto por envenenamento, o outro que some no percurso.

E então decide que o melhor era deixar Manoel com a madrinha, que poderia fazer dele gente, a despeito dela que animalizada já não mais poderia alimentar seus fortes instintos maternos. A dura estrada, a fome, a seca consumira dela até mesmo essa qualidade de mulher submissa, dedicada a criação dos filhos. Mais uma vez expondo a interseccionalidade entre gênero e classe, aprofundas pela seca, enquanto ela perde o direito aos filhos, Conceição ganha o direito à maternidade (AKOTIRENE, 2018).

Outro paralelo pode ser traçado, a partir das perspectivas apresentadas, Mocinha, cunhada de Chico Bento, que seguiu com os parentes por terra e Conceição. As duas moças jovens, mas uma apesar de mulher e preocupada com a imagem, ficará pelo caminho à própria sorte das desigualdades sociais e de gênero que as envolvem. Denunciando outras questões mobilizadas pelo poder actante da seca, a exploração sexual de jovens mulheres (BENNETT, 2010).

Não obstante, ao resolver ficar pelo caminho, mesmo nutrindo grande sentimento pela família, a moça já não entende que eles são sua família e justifica ao ser questionada pela família que sem pai e mãe ela já é sozinha no mundo. Mesmo amargando a despedida dos entes queridos, sobretudo, do sobrinho mais novo, fica pelo caminho aos mandos de sinhá Eugênia que assiste a cena com desprezo e é alertada pela moça que aquilo tudo se devia ao fato dela ter ajudado a criar o menino.

Mais uma vez, de forma maestral, Rachel de Queiroz, consegue expor as relações de poder, que se aprofundam no cenário de miséria, mesmo que Mocinha fosse também uma mulher, tal qual Conceição, Sinhá Eugênia, as irmãs de Vicente, ela sofrerá as consequências da seca de forma totalmente diferente, principalmente tendo que lidar com a relação com a patroa, a interseccionalidade é evidenciada novamente.

As questões de raça envolvendo essas mulheres não ficará despercebida e é mais evidenciada, na passagem em que Conceição encontra Chiquinha Boa, jovem negra e retirante, que lhe dá notícias de Quixadá e Vicente. No percurso do diálogo das personagens fica evidenciada as questões aqui trazidas, quando questionada se Vicente tem um caso com a filha, negra também, de um de seus capatazes, a moça responde que “— O povo ignora muito... se tiver, pior pra ela... Que moço branco não é pra bico de cabra que nem nós...” (QUEIROZ, 2012, p. 26).

Após isso, Conceição e Mãe Nácia conversam sobre o suposto envolvimento de Vicente com Josefa, e a partir daí, escancara-se o que Gonzalez (1981), aponta sobre as relações entre mulheres brancas e negras, homens brancos e mulheres negras. Conceição ao contar avó o que ficou sabendo, exalta-se quando a mesma trata com indiferença o suposto envolvimento, dizendo-lhe que os rapazes são assim mesmo e que o envolvimento de homens brancos com mulheres negras era normal, a qual responde: “— Tolice, não senhora! Então Mãe Nácia acha uma tolice um moço branco andar se sujando com negras?” (QUEIROZ, 2012, p. 27).

Ribeiro (2012) aponta que a obra de Rachel de Queiroz tem profundo cunho autobiográfico, ao nos debruçarmos sobre uma perspectiva analítica histórica, podemos aventar algumas questões que estavam em voga no momento, como as teses racista da democracia racial, formulado por Gilberto Freyre e percorrendo caminhos analíticos a partir de referenciais teóricos de intelectuais negras brasileiras, como Gonzalez (1981), que lecionou que o racismo é uma construção ideológica, que vão se concretizando nas várias formas de discriminação racial. E é, dentro de um campo discursivo, reinterpretado e perpetuado a partir dos interesses das elites brancas, no caso aqui as elites oligárquicas à época.

Essas questões ficam evidenciadas, sobretudo, na continuidade do diálogo entre as personagens Conceição e Mãe Nácia “— Mas, minha filha, isso acontece com todos... Homem branco, no sertão — sempre saem essas histórias... Além disso não é uma negra; é uma caboclinha clara...” (QUEIROZ, 2012, p. 27). Gonzalez (1981, p. 50) explicou-nos que a construção do discurso sobre as mulheres negras no Brasil, a partir da colonialidade, produziu duas imagens a mulher negra empregada doméstica e a mulata. A mulata exportação vista como objeto sexual que é o cabo da interpretação de um ditado naturalizado no país a “Preta pra cozinhar, mulata pra fornicar e branca pra casar.”

As evidências aqui expostas, são mobilizadas, articuladas e aprofundadas a partir da seca. São questões históricas que vão tomando corporalidade a partir desse actante. Podemos evocar Boschetti (2017), que lecionou que em momentos históricos de crise,

como a crise climática da década de 15, a barbárie é agudizada principalmente para os corpos que já sofrem processos históricos de marginalidade. No caso aqui, as mulheres negras, são dentro da obra, utilizadas como contraposição da imagem da mulher branca de bem, benevolente, cristã e latifundiária, que vai ajudar a construir a identidade de um sertão brasileiro e até mesmo do país.

Outrossim, as questões de gênero são, a partir de uma perspectiva branca e hegemônica, apresentadas dentro da obra quando analisa-se comparativamente sobre as personagens Conceição e as irmãs de Vicente, que continuam no interior do estado e vivem na tentativa de encontrarem um marido, enquanto Conceição busca a autonomia. Esses fatores, são basilares para compreendermos como a seca vai se emaranhar com outros fatores e traçando destinos. Na próxima sessão será apresentada a busca pela compreensão de como esses sentimentos, moral e conduta são mobilizados a partir do actante seca e suas consequências.

3.4 - Subjetividades desidratadas: a seca e o seu poder de produzir outros sujeitos

Como apresentado anteriormente, a seca produziu diversos efeitos e mobilizações de questões estruturais da sociedade sertaneja à época, classe social, gênero e raça, mobilizados numa miríade de colisões que vão traçando realidades, destinos e marginalidade. Dentro da obra, em muitos momentos as identidades dos homens e mulheres sertanejas são mobilizadas, homens e mulheres apegados a um forte senso moral, ligados ao trabalho, a religiosidade, sabemos que inclusive esses fatores foram articulados pela intelectualidade brasileira na busca de construir a identidade nacional.

Quando a seca vai se espalhando, apagando o verde do chão, emagrecendo os animas e desidratando as subjetividades construídas nos valores apregoados no sertão brasileiro, novos sujeitos surgem na trama, são eles os mesmos personagens que agora apresentam nova características que foram herdando da seca. Romances, senso moral, atitudes e costumes são diretamente afetados.

O romance de Vicente e Conceição, tal qual a relação de Chico Bento e Cordulina, começa a sentir os efeitos da seca, como podemos observar na passagem, em que logo após a partida de Inácia e Conceição, Vicente lembra da prima, porque nutre sentimentos não ditos, o homem apegado ao sertão, latifundiário, pensa na possibilidade de migração para ficar perto do seu amor “Separava-os a agressiva miséria de um ano de seca; era preciso lutar tanto, e tanto esperar para ter qualquer coisa de estável a lhe oferecer! Teve

um súbito desejo de emigrar, de fugir, de viver numa terra melhor, onde a vida fosse mais fácil e os desejos não custassem sangue” (QUEIROZ, 2012, p. 21).

Essa questão irá se aprofundar como efeitos da seca, como poderemos observar em outros momentos do romance. Ademais, o forjamento desses sentimentos, amor, sujeição, orgulho, justiça, desterritorialização, vão ficando mais evidenciados à medida que a narrativa constrói evidências da ação da seca nas subjetividades, para além, é claro, das materialidades, como podemos observar na passagem em que Chico Bento quase deixa de lado seu orgulho e pede um pouco de leite a um homem que ordenha uma vaquinha magra, depois que o filho clama por comida.

Ao longo da jornada, os personagens são atravessados por uma miríade de sentimentos. O luto se desenha de forma singular para Chico Bento e Cordulina, que enfrentam dolorosa perda do filho envenenado pela mandioca brava crua. Enquanto isso, Conceição e as famílias fundiárias testemunham, com um toque de benevolência cristã, as mortes que ocorrem no campo de concentração ou que chegam por meio de notícias.

Não só os sentimentos são penetrados pela força da seca, a relação com o trabalho também aparece algumas vezes no desenrolar da história, como um dos elementos articulados por essa coisa-poder, como é observável na passagem “Às vezes paravam num povoado, numa vila. Chico Bento, a custo, sujeitando-se às ocupações mais penosas, arranjava um cruzado, uma rapadura, algum litro de farinha” (QUEIROZ, 2012, p. 28). E nos sentimentos em relação ao trabalho desenvolvido por Vicente “Recordando a labuta do dia, o que o dominava agora era uma infinita preguiça da vida, da eterna luta com o sol, com a fome, com a natureza” (QUEIROZ, 2012, p. 20); também evidente na figura de Mocinha, que antes ficava em casa com a irmã e trabalhavam nos afazeres doméstico, agora trabalhava com Sinha Eugênia.

Algumas questões tratadas no texto, são fundamentais para a análise aqui em voga, quando falamos da seca, que vai traçando, dentro do enredamento com outros eventos, como a fome, por exemplo, destinos, sentimentos, mudanças de comportamento, chamamos atenção para a passagem crítica em que Chico Bento e o filho, no auge do desespero causado pela fome encontram uma cabritinha e rapidamente a emolam e começam a limpar o animal que lhes serviria como alimento. Os olhos atentos do filho, quase que emocionado, esperando comer, fitam o pai e é o primeiro a ver o dono do animal, que se aproxima furiosamente.

Depois de ter o alimento retirado de suas mãos e implorar humilhantemente que o dono do animal lhes deixasse ao menos um pedaço, para matar a fome dos filhos e ser

ainda mais humilhado, chamado de ladrão, sem-vergonha, bandido e receber num movimento de benevolência as tripas do animal:

— Tome! Só se for isto! A um diabo que faz uma desgraça como você fez, dar-se tripas é até demais! ... A faca brilhava no chão, ainda ensanguentada, e atraiu os olhos de Chico Bento. Veio-lhe um ímpeto de brandi-la e ir disputar a presa; mas foi ímpeto confuso e rápido. Ao gesto de estender a mão, faltou-lhe o ânimo. (QUEIROZ, 2012, p. 29)

Nota-se que o homem com profundos valores sertanejos, ético e trabalhador, é quase levado a vias de fatos, como se tivesse sido por instante animalizado pela situação, pela ação desse actantes seca e fome, somado a imagem da mulher de cócoras, miseravelmente implorando sua cruel sina. E sua história não seria a única, muitas outras cenas dentro do romance trazem à tona, a ideia do homem animalizado pela ação da fome, consequência da seca. Como as histórias contadas por Vicente a Inácia e Conceição do homem que matou a criança e a salgou, comendo-a aos poucos ou da mulher que enlouquecera ao ver o filho morrer de fome.

Não só os valores de Chico Bento são colocados a prova pela ação da seca, outras duas passagens, parece-nos fundamentais para nossa análise, a primeira quando Conceição encontra a família de Chico Bento e no ímpeto de sua benevolência de moça dada aos livros e teorias revolucionárias, muitas vezes descritas como “uma santa”, sete mesmo que não dito diretamente asco de pegar o afilhado, Manoel, o filho caçula de Chico Bento e Cordulina, no colo, atendo-se a estender a mão e abençoar a criança.

À guisa das análises aqui desenvolvidas, pode-se afirmar que a seca foi o grande actante, a coisa-poder, que atuou direta e indiretamente na vida dos personagens. Dando-lhes outros contornos morais, comportamentais e subjetividades, ela enquanto actante não agiu de forma isolada e solitária, enredou-se com diversos outros actantes, como a fome, o sol, a mandioca crua que matou Josias, que ficou pela estrada, quase transformando Chico Bento em um assassino tentando fugir da fome. A mesma que atingiu de forma tão diferente Conceição, Inácia e Vicente, tirando a velha senhora de suas terras que a 25 anos não saía.

Mesmo até o forte sentimento de Conceição e Vicente, descrito como puro e certo, não resistiu a força da ação da seca. Ou mesmo Mocinha, que antes moça de família, dedicada a ela, perdeu-se na estrada, se transformando numa “mulher da vida”, mãe solteira, namoradeira na estação. Mesmo, depois que a chuva caiu, alegrando os olhos de Vicente e dona Inácia que volta para sua terra, para exercer seu poder latifundiário, diante o verde que se espalha pelo chão e os insetos que pulam dele, dando sinais esperançosos,

os retirantes aqueles marcados por ela, não puderam ter o mesmo desfecho de (re)territorialização, eles já haviam partido rumo ao São Paulo e serviriam agora de mão-de-obra para outro tipo de desenvolvimento regional.

Esses fatores ficam evidenciados quando a família de Chico Bento não é mais citada na obra, depois que embarcam rumo a cidade de São Paulo, quando dona Inácia encontra Mocinha na estação e tenta convencê-la a voltar para as terras de Quixadá, quando o povo se diverte num natal que a muito não se vi por aquelas bandas, das irmãs de Vicente casadas, da escolha de Conceição em não se casar.

Esse poderoso actante, mesmo depois que a chuva caiu e esverdeou o chão, representando a esperança para aquela gente, continuava a espreitar e dar sinais de seu poderio como observado na obra:

Mas a triste realidade duramente ainda recordava a seca.
Passo a passo, na babugem macia, carcaças sujas maculavam a verdura. Reses famintas, esqueléticas, magoavam o focinho no chão áspero, que o mato ainda tão curto mal cobria, procurando em vão apanhar nos dentes os brotos pequeninos.
E à porta das taperas, as criancinhas que brincavam e acorriam em grupos curiosos, à vista da cadeirinha, ainda tinham a marca da fome tristemente gravada nos pequeninos rostos ossudos, dum amarelo de enxofre.
Carecia esperar que o feijão grelasse, enramasse, floresse, que o milho abrisse as palmas, estendessem o pendão, bonecasse, e lentamente endurecesse o caroço; e que ainda por muitos meses a mandioca aprofundasse na terra as raízes negras...
Tudo isso era vagaroso, e ainda tinham que sofrer vários meses de fome. (QUEIROZ, 2012, p. 57).

Pode -se constatar que a maestria de Rachel de Queiroz na construção da narrativa é evidente ao explorar nuances de condição humana, mergulhando nas complexas relações de poder, que abrangem desde questões de gênero até aspectos raciais. Em um contexto em que a presença feminina na literatura era escassa, se destaca como uma das luminares da segunda fase do Modernismo Brasileiro. Seu trabalho não se limita a uma mera expressão artística; é um testemunho engajado e denunciador das desigualdades inerentes a um progresso que, longe de ser uniforme, muitas vezes se converte em fonte de sofrimento para toda uma nação.

A obra de Rachel de Queiroz transcende a literatura, assumindo o papel de um espelho crítico da sociedade. Sua capacidade de tecer narrativas ricas em profundidade social e análise revela não apenas uma escritora talentosa, mas uma voz comprometida com a exposição das injustiças que permeiam o tecido social. Seu impacto como uma das principais figuras do Modernismo Brasileiro ressoa não apenas pela representação

feminina no campo literário, mas também pela coragem de abordar temas sensíveis e confrontar as disparidades que moldavam a vida do povo brasileiro de 1930.

3.5 CONCLUSÃO

Investigou-se a complexa interação entre cultura e natureza ao longo da história brasileira. Examinando-se como os discursos sobre a natureza não apenas orientaram políticas de ocupação territorial, mas também influenciaram o desenvolvimento regional. Isso se evidencia, especialmente, ao analisarmos o discurso inicial sobre o sertão, que abrangia todo o espaço não ocupado no interior do país, onde a imponente natureza exercia seu domínio.

Percebe-se que esse discurso foi instrumentalizado e utilizado por princípios desenvolvimentistas das elites locais, que apregoavam a necessidade de ocupação territorial destes locais para que o desenvolvimento e o progresso chegassem a eles, principalmente absorvidos pelas concepções existentes na Europa da época. O sentimento de derrota que tomava os intelectuais da época, movimento pelos princípios positivistas, por residirem em uma terra onde a natureza e a mestiçagem dominavam.

Com o tempo esses discursos foram se modificando e o sertão, chegou a ser visto como uma possibilidade de resgate de uma identidade nacional. Ao mesmo tempo que esses intelectuais se mobilizavam, as gentes morriam de fome, sede e nas estradas, como relatado na obra da autora.

Portanto, destaca-se na narrativa a contextualização das políticas públicas durante a seca de 1915. Chico Bento, após uma busca incansável por emprego, encontra oportunidade na construção de açudes e barragens, representando um marco na organização estatal. No entanto, a obra também lança luz sobre a crua realidade da corrupção por parte de agentes públicos locais, que desviavam recursos para latifúndios, revelando uma triste constante na história brasileira: o sequestro de recursos públicos para interesses privados.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perspectiva das matérias vibrantes representa uma virada sócio materialista de ordem ontológica, que vai na contramão da hierarquização antropocêntrica, que legitima somente os seres humanos enquanto forças agênticas. Fundamentalmente, percorrer os caminhos teóricos e analíticos da matéria vibrante de Bennett (2010), e da ecocrítica nos convoca a ocupar uma outra posição quando olhamos para a natureza, percebendo-a primeiro enquanto campo em que se localiza uma gama de forças colaborativas que não requerem humanidade e que podem e são forças agênticas.

Em outra instância, partimos de uma ruptura com as perspectivas dicotômicas e idealizadas de uma natureza que deve ser preservada para atender as necessidades dos homens, mas olha-la numa perspectiva relacional de coexistência, para construirmos uma outra leitura pragmática e política sobre a natureza, pois somos rizomaticamente atravessados pela existência dela e sua história social e política.

Não obstante, Bennett (2010), defendeu que essa reorientação ontológica permite pensarmos a materialidade vital, mas, que em momento algum essa seria uma tarefa fácil de se fazer, já que precisamos nos despir da “gramática padrão da agência (p. 178) que concede de maneira limítrofe a atividade as pessoas e a inércia as coisas. A autora defende que ao nos apropriarmos de uma nova percepção que horizontaliza heterogeneamente o poder agêntico, e sobretudo, foge do antropocentrismo garantimos a possibilidade de olharmos de uma outra forma para o planeta.

Essas questões ficaram evidenciadas na análise de “*O Quinze*” de Rachel de Queiroz, quando a obra expõe como a seca é uma força agêntica, que apesar de surgir das consequências da ação do homem, não parte de suas intencionalidades, implicando na vida daqueles que imprimiriam em suas peles a face de retirantes, que no percurso de fuga das consequências da seca foram sentindo a implicação de outras forças agênticas, como a fome, a dura estrada de pedra e chão seco, a morte.

Este cenário, é reforçado quando entendemos que sair de sua terra, era uma questão compulsória e não de escolha intencional dos retirantes, reforçando as perspectivas dos actantes e das matérias vibrantes. Impreterivelmente necessário que assumíssemos, dentro do percurso analítico, a seca carregada de percurso histórico, que alimentava afetos e sentidos.

Nesse diapasão, a seca é deslocada de seu lugar de fenômeno natural, consequência única da intencionalidade humana, mas também realocada num lugar de

agente mobilizador que se conecta com vários outros. Fundamentalmente, este trabalho não requer o papel de isentar os homens de sua ação ecocida, há sim a dimensão do poder político e econômico, dentro da ordem capitalista, expresso principalmente em como as consequências da seca materializam-se nos corpos dos grupos sociais e suas posições, mas essas questões não são limítrofes. A seca enquanto actante produziu um outro produto/sujeito: os retirantes. Marcados pelo flagelo, a fome, a morte, o desmantelamento familiar e as vivências no campo de concentração e, portanto, não poderia ser limitada as noções da ecologia clássica, furtada de sua característica materialista vital, ela é um agente mobilizador.

Pode-se concluir a partir das contribuições de Bennett (2010), que surge uma outra possibilidade analítica que nos permite um olhar que extrapole os limites morais e éticos da busca por agentes políticos humanos, que somada a teoria da Ecocrítica, tecem um novo paradigma não antropocêntrico e que nos ajuda a perceber a natureza não como fonte de recurso infinitos que deve ser protegida, a fim de, garantir a subsistência humana, mas enquanto organismos vivos que merecem o mesmo respeito que nós, os humanos pelos efeitos imprevisíveis que podem engendrar a depender das relações mantidas com eles.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDALA JR, Benjamim. **Tempos de Literatura Brasileira**. São Paulo: Ática, 1986.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. As Imagens Retirantes. A Constituição da Figurabilidade da Seca pela Literatura do Final do Século XIX e do Início do Século XX. **Varia História**, v. 33, p. 225-251, 2017.
- ARAÚJO, Kárita de Fátima; ANSELMO, Rita Martins De Sousa. 1915: A Seca e o Sertão sob o Olhar de Rachel de Queiroz. **Revista Digital Estudos Historicos**, n. 3, p. 1-31, 2010.
- BENNETT, Jane. **Vibrant Matter: A Political Ecology of Things**. Durhan: Duke University Press, 2010.
- BENNETT, Jane. Encounters whit na Art-thing. In. WONG, Mandy-Suzanne. **Evental Aesthetics: vital materialism**. 3. Ed. Board. 2015. P. 91 – 110.
- BENNETT, JANE. **The elements**. postmedieval: a journal of medieval cultural studies, 2013. 4, 105–111. Doi:10.1057/pmed.2012.39.
- BOSCHETTI, Ivanete. Agudização da barbárie e desafios ao Serviço Social. **Serviço Social & Sociedade**, p. 54-71, 2017.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 36ª ed. São Paulo: Cultrix, 1999.
- BREDAN, Marina. Formações de areia: novos materialismos literários – Apresentação. **Revista Rosa**. Vol. 3. São Paulo. 2021.
- BRUGIONI, Elena. MELO, Alfredo Cesar. Ecocrítica(s): Literatura e Colapso Ambiental. **Remate de Males**, Campinas-SP, v.42, n.2, pp. 254-259, jul./dez. 2022.
- BUENO, Luís. Uma história do romance de 30. São Paulo: Edusp; Campinas: **Editora da Unicamp**, 2006.
- BURITI, Catarina de Oliveira; AGUIAR, José Otávio. Secas, Migrações e Representações do Semi-Árido na Literatura Regional: por uma História Ambiental dos Sertões do Nordeste Brasileiro. **Textos e Debates**, n. 15, 2008.
- CABRAL, Diogo de Carvalho; VITAL, André Vasques; LOPES, Gabrel. Tales from the dirt: Post-anthropocentric perspectives on Brazil's past. *Journal of Historical Geography*, <https://doi.org/10.1016/j.jhg.2022.07.001>
- CÂMARA, Yzy Maria Rabelo; CÂMARA, Yls Rabelo. **Campos de concentração no Ceará: uma realidade retratada por Rachel de Queiroz em O Quinze (1930)**. 2015.

CAMPOS, José Nilson B. Secas e políticas públicas no semiárido: ideias, pensadores e períodos. **Estudos avançados**, v. 28, p. 65-88, 2014.

CATTAPAN, Júlio Cesar Rodrigues. **O Quinze**: contrastes e tensões. Revista Diadorim. Rio de Janeiro, v.7, 2010, 99-114. Disponível em: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2010.v7n0a3910>. Último acesso em: 02 de março de 2024.

CHAUÍ, Marilena. **BRASIL**: Mito fundador e sociedade autoritária. Editora Fundação Perseu Abramo, 1ª Edição, São Paulo 2001.

COLLINS, Patricia Hill, BILGE, Sirma. Interseccionalidade [recurso eletrônico] / Patricia Hill Collins, Sirma Bilge; tradução Rane Souza. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2020.

CRUZ, Camila Oliveira Silva da. A visão de Gilberto Freyre sobre as mulheres negras em Casa Grande & Senzala: um olhar crítico a partir da perspectiva negra. **Revista Textos Graduados** - Número 1, volume 7, janeiro de 2021. Volume 7, Nº1 - Ano 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/tg/article/download/36202/28835/94429>. Acesso em: 30 jun 2024.

ESTEVES, Martha de Abreu. **Meninas perdidas**: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro na Belle Époque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FREITAS, Maria Conceição Macedo de. Seca, fome e morte: uma experiência de leitura literária de O Quinze, Rachel de Queiroz em sala de aula. 2020. **Revista Garrafa**, v. 18, n. 53, p. 236-255.

FREITAS, Rafael Alves de; PADILHA, Marcela do Nascimento. Geografia e Literatura: Um Elo Possível por Meio da Obra “O Quinze” de Rachel de Queiroz. **Geofronter**, v. 6, 2020.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste: Aspectos da Influência da Cana sobre a Vida e a Paisagem do Nordeste do Brasil**. 1ª edição digital. São Paulo: Global, 2013

GAMBLE, Christopher N. HANAN, Joshua S.; NAIL, Thomas. What is New Materialism? **Angelaki**, v. 24, n. 6, p. 111-134, 2019.

GARFIELD, Seth. **In Search of the Amazon: Brazil, The United States and The Nature of a Region**. Durhan: Duke University Press, 2013.

GARRARD, Greg. **Ecocriticism**. London: Routledge, 2004.

GONÇALVES, Paulo Cesar. O mandacaru não floresceu: a ciência positivista a serviço do combate à seca de 1877-1879. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.25, n.2, abr.-jun. 2018, p.515-539.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: Uma abordagem político-econômica (1981). **Primavera para as rosas negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. [S. l.]: Diáspora Africana: Editora Filhos da África, p. 34-53, 2018.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Seminário Internacional sobre Múltiplas Territorialidades. Porto Alegre: UFRGS, 23, set. 2004, pp. 1-20.

JALES, Paula Raquel da Silva; TEIXEIRA, Solange Maria. Estado capitalista e democracia: disputa de projetos político-ideológicos. **Revista Libertas**, Juiz de Fora, v. 23, n. 2, p. 286-306, jul./dez. 2023. ISSN 1980-8518. DOI 10.34019/1980-8518.2023.v23.41377. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/libertas/article/view/41377/26873>. Acesso em: 30 jun 2024.

KYRILLOS, Gabriela M. Uma Análise Crítica sobre os Antecedentes da Interseccionalidade. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 28(1): e56509 DOI: 10.1590/1806-9584-2020v28n15650.

LACERDA, Gustavo Biscaia. Augusto Comte e o “Positivismo” Redescobertos. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, v. 17, n. 34, p. 319-343, out. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/wNFWrdJ7j3G4GZwgzJF4V4C/#>. Acesso em: 07 fev 2024.

LAFETÁ, João Luiz. **1930: a crítica e o modernismo**. Editora 34, 2000.

LARA, Ferreira. **Enxadas e compassos: seca, ciência e trabalho no sertão cearense (1915-1919)**. Dissertação Mestrado Programa de Pós-graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2009.

LIMA, Clébio dos Santos. **A literatura famélica em O Quinze de Rachel de Queiroz**. 2019. 106f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

LIMA, Nísia Trindade. **Um Sertão Chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional**. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ, UCAM, 1998. 232p.

LOBATO, Andrea Teresa Martins; PEREIRA, Eduardo Oliveira. A seca e a narrativa do trágico em O Quinze de Rachel de Queiroz. **Revista Garrafa**, v. 9, n. 27, 2011.

LUPTON, Deborah. Vital Materialism and the Thing-Power of Lively Digital Media. In: LEAHY, Deana; FITZPATRICK, Katie; WRIGHT, Jan (Eds.). **Social Theory, Health and Education**. London: Routledge, 2018.

MOTA, Maria Francisca. Manuelzão e Miguilim: o percurso das águas do Mutum à Samarra na configuração do lugar e dos seres / Maria Francisca Mota – Anápolis: Centro Universitário de Anápolis – UniEvangélica, 2018. 109 p.; Dissertação (mestrado) – Programa de pós-graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente – Centro Universitário de Anápolis – UniEvangélica, 2018.

MURARI, Luciana. **Natureza e Cultura no Brasil (1870 – 1922)**. São Paulo: Alameda, 2009.

NASCIMENTO, Evando Batista. A Semana de Arte Moderna de 1922 e o Modernismo Brasileiro: atualização cultural e “primitivismo” artístico. **Gragoatá**, v. 20, n. 39, 2015.

NEIMANIS, Astrida. Thinking with Water: an aqueous imaginary and an epistemology of unknowability. In: **Entanglements of New Materialisms**. Linköping, Sweden, May, 25-26, 2012.

OLIVEIRA, Ricardo de. Euclides da Cunha, Os Sertões e a invenção de um Brasil profundo. **Revista Brasileira de História**, v. 22, p. 511-537, 2002.

OLIVEIRA, Ricardo de. Ficção, ciência, história e a invenção da Brasilidade Sertaneja. **IPOTESI-REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS**, v. 4, n. 1, p. 37-53, 2000.

OLIVEIRA, Jéssica Maria dos Santos de. A seca e o sertão sob dois olhares: uma análise das obras O Quinze de Rachel de Queiroz, e Os Retirantes, de José do Patrocínio / Jéssica Maria dos Santos Oliveira. - 2022. 57 f. Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas, 2022.

PEREIRA, Thereza Cristina. O Governo "Revolucionário" e as Políticas Públicas para enfrentamento da Seca de 1932: rupturas ou continuidades? Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em História. Universidade de Brasília, 2019, 63fls.

PINTO, Francisco Neto Pereira; MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. Contribuição da Ecocrítica ao Ensino de Literatura. **Litterata: Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões**, v. 3, n. 1, p. 36-49, 2013.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. Editora José Olympio, 2012.

RIBEIRO, Lilian Adriane dos Santos. O Quinze, de Rachel de Queiroz: Aspectos Autobiográficos y de Género. **Revista Científica Género na Amazônia**, n. 1, p. 133-162, 2012.

SANTOS, Cássia dos. Romance (A)político e Crítica Literária nos Anos 30 e 40. **Revista Letras**, [S.l.], v. 49, p. 107-124, 1998.

SARMENTO, Elisângela Campos Damasceno; DE MOURA, Geraldo Jorge Barbosa. Topofobia e Topofilia em O Quinze: uma Análise Ecocrítica da Obra de Rachel de Queiroz. **Geografia (Londrina)**, v. 31, n. 1, p. 75-94, 2022.

SEVCENKO, Nicolau. Introdução. In. SAVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 420p. ISBN 85-359-0409-3.

SILVA, Elane Janaína Vicente de Oliveira. **A representação da seca na obra O Quinze de Rachel de Queiroz**. 2009. 30f. Trabalho de Conclusão de Curso (monografia), Curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande - Campina Grande - Paraíba - Brasil, 2009.

SILVA, Patrícia Maria. A Virada Sociomaterialista e Agência dos Não-Humanos. **Revista Conhecimento em Ação**, v. 3, n. 2, p. 70-91, 2018.

SIMÕES DE MELO, L. A. O nordeste brasileiro e o noroeste argentino: o sertão cearense e o chaco seco santiagueño em meio às secas da década de 1930. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 69, 2020. DOI: 10.23925/2176-2767.2020v69p240-274. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/49476> Acesso em: 6 dez. 2023.

SOUSA FERREIRA, Gleidiane de; PEDRO, Joana Maria. São honestas? Defloramentos em Fortaleza nas primeiras décadas do século XX. **Tempos Históricos**, v. 16, n. 1, p. 41-58, 2012.

SOUZA, Tássia Rochelli Gameleira de; COSTA, Maria Edileuza da. Os castigos da seca em “O Quinze” de Rachel de Queiroz. **Anais do XIII Congresso Internacional da ABRALIC Internacionalização do Regional**. 08 a 12 de julho de 2013 UEPB – Campina Grande, PB.

SCHUCMAN, L. V. (2014). Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana. *Psicologia & Sociedade*, 26(1), 83-94.

TADDEI, Renzo. As Secas Como Modos de Enredamento. **ClimaCom**, v. 1, p. 36-41, 2014.

VARES, Sidnei Ferreira de. A dominação na República Velha: uma análise sobre os fundamentos políticos do sistema oligárquico e os impactos da Revolução de 1930. **História: Debates e Tendências**, v. 11, n. 1, p. 121-139, 2011.

VASCONCELOS, Cláudia Pereira. A construção da imagem do nordestino/sertanejo na constituição da identidade nacional. **Anais do 2º Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, 2006.

VITAL, André Vasques. O Poder Contingente do Rio Iaco no Território Federal do Acre (1904-1920). **Revista Brasileira de História**, v. 39, n. 81, p. 25-46, dez. 2019.

VITAL, André Vasquez, & DUTRA e SILVA, Sandro. (2022). Darkness in the Seasonal Savannah: The Brazilian Cerrado in Stories by Hugo de Carvalho Ramos. *ETropic: Electronic Journal of Studies in the Tropics*, 21(1), 239–258. <https://doi.org/10.25120/etropic.21.1.2022.3849>.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível. In. SAVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.